

Diário de Lisboa

Diário de Lisboa

11—Avença—01.

Biblioteca Municipal Central de

3714

LISBOA

Numero avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

TANTO mal se diz do jornalismo e dos jornalistas, que tem de se acolher com jubilo a opinião favorável dum outro homem illustre, bastante lucido de intelligencia para apreciar e louvar a grande missão da Imprensa, e o merecimento daqueles que a exercê-la se ennobrecem. Registem-se, pois, as palavras que o eminente Octavio Mangabeira disse, ultimamente, a tal respeito no seu discurso de recepção na Academia Brasileira:—«personalidade literaria he ha-de reconhecer ao jornalista que, sob a emoção do facto que acaba de succeder, na vertiginosidade das horas, se não até dos minutos de que ás vezes apenas dispõe, lavra, ao correr da pena, o comentario, em forma lapidada. Não são muitos os estadistas capazes d'este compreendido espirito de justiça. Agrada que o possua e manifeste o politico notavel, que soube e quiz prestigiar o idioma patrio, impondo o seu uso nos Congressos Internacionais e prestando assim relevante e inesquecivel serviço ao Brasil e a Portugal.

NA Maternidade de Madrid estiveram os jornalistas, na noite do fim do ano para o primeiro dia de 1935, á espera que nascesse uma criança—que seria a primeira do Ano Novo, e teria no seu destino—no anónimo paternal—apenas um sinal cronologico confidencial. Em Espanha ainda existe a crotada.

Esperaram, e ás quatro e meia da madrugada um menino viu a luz. Não foi talvez o primeiro de 1935 em Espanha, mas foi o primeiro da Maternidade, e isso bastou para que o seu retrato viesse no jornal.

A enfermeira sorri e o menino, envolto em faixas brancas, dorme. O segredo do seu nascimento não foi desvendado senão pela gravura, que dá uma visão grafica mas não a decifração de um misterio.

E é o misterio, afinal a razão da fotografia.

REGRESSOU ontem á noite a Lisboa, vindo da sua casa de Trás-os-Montes, o nosso querido amigo sr. Pires Avelanoso, illustre director honorario do Arquivo Historico Colonial, de que foi fundador.

FOI publicado um decreto approvando, para ser ratificada, a convenção assinada em Lourenço Marques pelos delegados do Governo português e da União Sul Africana relativa á revisão das clausulas da convenção assinada entre os mesmos governos em 1928.

PARTE amanhã, via Madrid e Paris, para Sarrebrucke—onde vai assistir ao plebiscito do dia 13—o nosso camarada Felix Correia, que depois visitará Berlim e Hamburgo.

A Historia

O aparecimento da «Historia de Portugal», de Alfredo Pimenta, lez compreender a muita gente, habitualmente distraída, que o ensino da historia tem uma importancia primacial na formação das novas gerações. Não é assunto para ser descurado nem para ser entregue ás turbulencias sectaristas.

Portugal tem um passado de que pode orgulhar-se — passado onde abundam os lances heroicos, as virtudes grandes e as humildes, os cantos de amor e os contos de fadas, a tragedia, o romance, a epopeia e a flamula mística do *Flos Sactorum*.

Não ha no mundo uma historia como a nossa — podemos affirmá-lo sem falso patriotismo e sem sombra de vaidade. Quem se ocupa dela, com o animo turvado pela duvida ou dominado por prejuizos estreitos, comete uma profanação.

Entregá-la ás turias do jacobinismo ou ás do reaccionarismo, sem respeito pela nobreza original duma raça que, mesmo nos seus erros e nas suas catastrophes, não se contande com qualquer outra, seria o mesmo que confiar a qualquer demente a guarda dum tesouro precioso.

Durante muitissimos anos imaginou-se que Portugal estava todo nos «Lusiadas» e que bastava ler as estancias inegalaveis para acender o fogo sagrado da Patria em cada peito. Graças a esta crença esdruxula, alguns dos nossos historiadores procederam com mão desembaraçada e imprudente, buscando, através de quatro dinastias, a morte de todas elas.

Que fizeram os nossos reis?

Á darmos-lhe credito, teriam sido harpias, a devorar a carne duma nação. Tiranos e devoristas. Corrompidos e corruptores. Viciosos e cinicos. Felizmente que tais juizos, acentuatadamente injustos, perderam a importancia de que gozaram nos cerebros ignaros e confusos. Nasceu outro espirito nos homens e a historia passou a ser vista como deve ser — a serie multi-secular das encarnações duma alma que marca em cada facto a sua presença total.

Porque é tão difficil escrevê-la, não havendo livro que se possa considerar definitivo?

Naturalmente, por que não se trata de pesar cinzas, numerar pedras monumentais ou funerarias, recolher os despojos mortais dos epigonos ou das «arraias miudas», mas sim de pesquisar na materia escrava o que a redime e exalta, com a perpetuação moral do esforço criador e do sacrificio santificante. Quando um povo esquece a lição dos seus maiores e se propõe fazer taboa raza dos exemplos memoraveis, lança-se em perigosa aventura que, tarde ou cedo, o ha-de conduzir á expiação.

Quanto não sofremos nós já, por havermos desprezado a verdade que salva pelo erro que mata!

Parece-nos que o momento é oportuno para procedermos a rigoroso exame de consciencia:

— Devemos entender o passado para declinarmos as nossas culpas ou para delas nos corrigirmos?

Do trabalho oferecido aos mestres e aos alunos por Alfredo Pimenta ha muito que dizer — concordando ou divergindo. Logo que se nos ofereça oportunidade para isso, consagrar-lhe-emos a atenção que merece. Quem tenha o amor das cousas nobres e o culto das glorias nacionais, encontrará, nas paginas do *Diario de Lisboa*, campo aberto para bordar as considerações que a sua leitura sugere.

A discussão serena e urbana permite que as ideias triumphem, sem afronta para ninguém. De resto, importa muito lembrarmos-nos de que a nossa historia é tão vasta e majestosa que não existe possibilidade de a reduzir a um debate entre duas patuleias ou duas janelas palmeiras.

NOS jornais parisienses vai grande polemica acerca deste problema grave: Deve ou não ir-se vestido de «smoking» ao teatro?

Para uns é imprescindível o uso da camisa engomada para bem se compreender uma peça de teatro. Para outros constitui tal trabalho motivo sufficiente para ficar em casa e ouvir, em chinelos, a musica da «radio».

Cécile Sorel entende que os homens para a aplaudirem se devem pôr a tom com a sua elegancia de vestir; Tristan Bernard leva o seu humorismo ao ponto de achar que a solenidade deve atingir o uso do calção e meia e o de todas as possiveis condecorações; e Madeline Renaud é do parecer de que nesta epoca de vida dura se não pode perder o tempo em vestir, mais duma vez ao dia, como se fazia quando a vida aconselhava a matar o tempo.

Em Portugal já o problema está resolvido pelo snobismo-indígena: quando a companhia teatral é portuguesa, por melhor que seja, toda a roupa serve; mas, para «troupes» estrangeiras, por piores que sejam, é indispensavel o «smoking».

TRATA-SE de trabalhos levados a cabo por dois sabios ingleses, sr Peter Michell e o major Flower. Procuraram estudar a longevidade de alguns animais, e chegaram, após minuciosas devassas, a algumas conclusões. As tartarugas podem atingir um seculo, e mesmo dois; uma, já «antiga», ainda viveu 96 anos sobre o seu passado. Alguns peixes podem atingir 60 anos. O elefante chega a 50, o rinoceronte a 45, o hipopotamo a 40, o cavalo a 40, o urso e o macaco a 35, o gato a 30, a girafa a 30. Um gato com trinta anos deve ser milagre. Mas, enfim, aqueles sabios dizem que a idade das aves seria muito, mas que um papagaio pode chegar a 105 anos, e um canario e um rouxinol a 25.

Os leões vivem mais no cativeiro do que na selva, porque não trabalham para comer. Quanto ao homem, os sr. Flower e Michell não se pronunciam. Os «outros» homens podem chegar a 120 anos; tem-se visto. Nós, não.

FOI publicado o decreto que designa a constituição heraldica das armas da Camara Municipal de Santa Comba: armas—de azul, com dois ramos de oliveira em ouro, frutados do mesmo e cruzados em ponta. Em chefe, uma pomba estendida de prata, sancada, bicada, e com vista de vermelho, acompanhada de dois cachos de uvas de ouro.

A FOLHA oficial publica hoje os despatches collocando como ministros plenipotenciarios, em Brucelas e em Roma, respectivamente, os srs. drs. Augusto de Castro e José Lobo de Avila Lima.

TEATROS E CINEMAS

D. Mirta Casimiro de Almeida

A gentilissima filha do artista José Casimiro de Almeida, o mestre Casimiro de Almeida e que, ha dias fizemos referencia nestas colunas, e sobre cuja personalidade para já um ambiente de interesse inultrapassimo no nosso meio, faz a sua estreia no teatro, amanhã, nas duas sessões da Maria Vitoria, em quadros especiais para a sua realização, nos dois actos da revista «Viva a Folia!» que surgirá igualmente remodelada e ampliada. Em cena propria e em dois momentos da referida revista, D. Mirta Casimiro de Almeida, que é uma radiosa mocidade, cheia de talento e de meritos realissimos, será apresentada ao publico no seu encantador e inedito repertorio de «Canções Populares da Beira», cantando no 2.º acto, de maneira nova—a sua manei—ra—O Fado português, acompanhada por guitarristas. Amanhã se estreiam tambem em «Viva a Folia!» o actor Alvaro de Almeida, em três números novos, e a paragem de bailarinos internacionais «Zineray et Moniela», que vêm precedidos de grande reclame dos principais teatros europeus e americanos.

«A vizinha do lado», no Avenida

Produzida do maior interesse e a mais viva ansiedade do publico a noticia, hoje vinda a lume, da estreia, na noite, na proxima segunda-feira, 7, da celebre comedia de André Brun, «A vizinha do lado», que, entre a sua obra de teatro notabilissima, é precisamente aquella que mereceu sempre a maior consagração. A sua reposição impunha-se e essa honra vai te-la a companhia Maria Matos, a quem foi confiada, tanto mais que esta eminente artista foi uma das suas criadoras, a quando da sua estreia, ha anos, no velho Gimnasio, interpretando o mesmo papel em que vamos vê-la agora, a impagavel «D. Adelaide», que é uma criação subtilissima. A seu lado, o grande actor José Alves da Cunha vai interpretar, pela primeira vez, o personagem comico de «Placido da Mesquita», interpretando as restantes figuras da hilariante e comicissima peça, os artistas:

Maria Helena, Adelina Campos, Berta de Bivar, Laura Fernandes, Cesaria Henriques, Maria de Oliveira, Abilio Alves, Antonio Palma, Mendonça de Carvalho, José Monteiro e José Assunção

«O do reposteiro»

No Variedades comemora-se esta noite um grande acontecimento teatral, numa magnifica e justissima festa de homenagem ao mestre insigne Eduardo Schwalbach. É a 15.ª noite de cartaz da sua lindissima e popular opereta «O Chico das Pégas», neste remonte que acaba de ser um dos maiores exitos da temporada de Lisboa. Eduardo Schwalbach, espirito sempre moço, figura domadora da litteratura dramatica portuguesa, terá, esta noite, a rodeo-lua e a aplaudido não apenas os seus amigos e admiradores, mas o publico e os proprios interpretes desta obra encantadora de verdade, primorosa, portuguesa, graciosissima e modelar no seu genero.

—Desistiu do contrato para que fora convidada para um teatro popular a actriz Margarida de Almeida, que por esse motivo não figura em qualquer elenco artistico.

—Nos teatros da Empresa José Loureiro, Trindade e Avenida, realizam-se hoje espectaculos inteiros ás 21 horas e meia, no primeiro com a comedia «Uma mulher de negocios», com Irene Izidro, Vasco Sant'Ana e Assis Pacheco e no segundo com a antepenultima representação da comedia «O Alfinete», que se dá ás 21:30 no proximo domingo, 4, noite.

—Ainda ontem se apresentaram dois numeros novos de grande sucesso no Coliseu, o «Olhal...» por Ema de Oliveira e «O Fado Novo» por Ercilia Costa e já hoje all se verifica mais outra sensacional estreia: a dos celebres bailarinos internacionais Ray Bel and Leonor Maser.

—O trabalho de Palmira Bastos, na peça «Sol Poente», de Ramada Curto, em cena no Nacional, continua a merecer os mais calorosos applausos por parte do publico.

«Escandalos romanos»

Eddie Cantor não precisou de produzir em quantidade para revelar a sua qualidade de artista excepcional. Hoje os três filmes, apresentados com intervalos relativamente gaudes, bastaram para afirmar o seu prodigioso valor.

Hoje o publico, quando vê no cartaz o nome do famoso actor accorre a vê-lo e a convi-lo, com entusiasmo. Não admira, por-

«Uma mulher de negocios», no Trindade

Até onde vai a liberdade dos adaptadores e arranjadores de peças estrangeiras? Será permitido aproveitar a obra de outrem e transformá-la de tal forma que nem os autores a reconheceriam? É licito ampliar a intervenção de certos personagens, e traduzir o espirito francês, ou a graça espanhola, por chateau portuguese, e alterar o equilibrio original e cortar ou aumentar o que outrem criaram?

Estas dvidas, que um congresso de autores devia esclarecer, não são movidas apenas pelo caso presente da peça agora representada no Trindade, mas sim pelos casos frequentes de muitas adaptações e arranjos que surgem em varios dos nossos teatros. Quanto á peça de agora, e dando por permitidas todas as liberdades dos arranjadores, cabe extranhar que estes, com liberdade bastante para fazerem aparecer no 1.º acto um personagem que os autores guardaram para o 2.º, não se tivessem permitido tambem a liberdade de fundir estes dois actos num unico que equilibraria o arranjo, equilibrando-se com o 3.º que é o melhor. Para contra-partida destes comentarios que se nos afiguram convenientes, falgamos com a possibilidade de reconhecer que Felix Bermudes, Agencião Barbosa e Abreu Sousa foram felizes numa das modificações introduzidas na obra do admiravel humorista Tristan Bernard e do colaborador Max Maurey: a entrada de «Gabalina» no 1.º acto está justificada na ligação com o 2.º, bem e habilmente con-

tinuando, que ontem se enchessem as salas de três cinemas—Odeon, Palacio e Politeama—onde foi simultaneamente apresentada a sua ultima produção: «Escandalos Romanos».

Suponha-se Eddie Cantor, com o seu humorismo sádico, o seu jogo fisionomico inconfundivel, as suas canções juvenis, enfim, transportado, por mero efeito de sonho, á antiguidade romana, e facilmente se poderá calcular que serie de situações comicas ele cria na sua passagem pela corte do Imperador Valerio!

Sem cair nos exageros ridiculos, que se justificariam até certo ponto, Frank Tuttle conseguiu realizar um trabalho de alta comicidade, em que a actuação magistral de Cantor se harmoniza perfeitamente com o sentido musical da obra e com a sua, por vezes, espectacular representação.

Como nos restantes trabalhos de Eddie, «Escandalos Romanos» apresenta-nos varios quadros de revista monumental em que se ouvem algumas vozes encantadoras e desfilam, em alegre parada, grupos de frescas belezas femininas.

O filme termina por uma corrida de carros romanos, que chega a despertar emoção e que só a presença de Eddie consegue transformar numa fabrica de sãs gargalhadas. Do complemento do programa, que é todo feliz, deve, contudo, destacar-se um belo filme de desenhos coloridos de Walt Disney «O Pai Natal»—M. N.

«O Grande Naufragio»

Na proxima segunda-feira estreia-se, no Central Cinema, um dos melhores filmes da temporada. Trata-se do celebre filme «O Grande Naufragio», uma das obras mais profundamente emotivas que o cinema tem produzido, e através da qual, numa poderosa sugestão de espectáculo perfeito, se glorifica a arte das imagens. Toda a sua concepção, fortemente impressiva e sulcada de denso interesse, vai apalpar o publico.

Teatro Nacional
HOJE — A's 21 e 30 — HOJE
e todas as noites
Accentua-se cada vez mais o ex'lo da extraordinaria peça de RAMADA CURTO

Sol Poente
com um notabilissimo conjunto de interpretação
Palmira Bastos
numa enorme criação

Olimpia Club
MERCEDES VILLANOVA
HOJE, NOVAS CANCOES

duzida. E em Vasco Santana tiveram todos um optimo colaborador. O inteligente actor, fadado para melhores destinos que os de rolige «bambino» com pernas ao léu, representou ontem com tal honestidade e certeza de pormenores, tão magnificamente humano, e ao mesmo tempo com tanta graça, que nos fez recordar o grande Chaby—expoente proporcionado para ele. Outra artista jovem e estudiosa aparece em primeiro plano, na protagonista, «Uma mulher de negocios», Irene Izidro, esperança que surgiu ao lado de Lucilla Simões e que apesar de tudo, das alterações do texto e da extensão do «papel», defendeu com brio uma figura difficil que se mantém em cena durante quasi toda a peça e que, alternadamente, tem que nos dar a dor da perda do noivo, a alegria de herdar uma fortuna, a satisfação de a receber sem vergonha e de poder reconstruir a sua felicidade. E o «degrá jovial» é completado pelo excelente actor Assis Pacheco, num pal perdiuário mas nobre, grande elegancia de maneiras e de indumentaria. Filomena Pereira fez uma velha governante, Amelina Lima uma intriguista soberbamente antipatica e domadora, e Leonor de Eça e Lucia Mariani dois pequenos «papeis» Gil Ferreira, Alberto Ghira, Luiz Filipe, Leão Ribeiro, Barroso Lopes e Selgas Pereira marcaram as suas posições profissionais sob a batuta sábia de mestre Antonio Pinheiro.

R. P.

blico, que não regateará louvores a Walter Connolly, Robert Young e Doris Kenyon por



terem, com tanto talento, erguido um filme de tam fulgurante plasticização dramatica.

Actualidades

Uma idéa interessante: A British Motion News reuniu num filme todas as actualidades de maior destaque ocorridas durante o ano de 1934.

—Louis Lumière, o avô do cinema, receberá no proximo dia 20, em Lille, a medalha de ouro que a Sociedade Industrial do Norte e Fundação Kuhlman ofereceram aos grandes inventores e sabios.

—Filmes Luiz Machado» adquiriu o direito exclusivo para Portugal da produção inglesa «O Duque de Ferro».

—A ultima criação colorida de Walt Disney, intitulada-se «La Deesse du Printemps».

PROGRAMAS DE HOJE
S. LUIZ TELEF. 1712
Noites Moscovitas
com Annabella, Harry Bauer, Spinelly e Richard-Pierre Wilim
A's 21 e 30

CENTRAL TELEF. 24381
Amor em uniforme
com Harry Liedek, Ely Ro Paules Heidemann
A's 21 e 30

CONDES TELEF. 22613
OS THÉNARDIERS
2.ª jornada de
OS MISERAVEIS
A's 21 e 15

ODEON TELEF. 1683
Escandalos Romanos
A's 21 e 15 com Eddie Cantor
PALACIO TELEF. 47103
e as famosas 200
«Goldyn Girls»
A's 21 e 30

POLITEAMA TELEF. 26305
Escandalos Romanos
com ED DE CANTO e as famosas 200 «Goldyn Girls»
A's 21 e 30

PARIS Tel. 28777
D. JOAO A's 8 e 45
PIRATAS DE KANGAI
Matinées ás 3.ª, 5.ª, 7.ª e 9.ª

CAPITOLIO Transatlantico de luxo
O seu ultimo peccado (Synaro) e o Casamento do Luquo de Kout
Bilhetes desde \$160
TERRASSE U applico nos Casacos
São ha amor como o segundo
A's 21 e 15 Telef. 20917

LYS Telef. 48560
O capitão dos Coracos
Nã ha zmir como o segundo
A's 21 e 15

ROYAL A's 21 e 45
Telef. 46037
AS DUAS ORFãs
FALSA ACUSÇÃO

JARDIM CINEMA A's 20,45
CORTESA, com Graça Garbo
Amante Improvisado

APOLLO Todas as noites
Dias sessões
A's 8,30 e 10,45 h.
A REVISTA DAS GRANDES MULTIDÕES
Zé dos Pacatos
com bilhetes vendidos para 10 dias
DOMINGO — 6
Matinée—A's 3 1/2 horas
Duas sessões—A's 8,30 e 10,45 horas

AVENIDA
HOJE—AMANHã e DOMINGO, 6
ULTIMAS
da comedia de grande ex'lo de gargalhada
O ALFINETE
Segunda-feira, 7
Estreia neste teatro da celebre comedia de
ANDRÉ BRUN
A VIZINHA DO LADO
com
Maria Matos na «D. Adelaide»
Alves da Cunha no «Placido Mesquita».

TRINDADE
Hoje—A's 9 1/2 horas
Uma mulher de negocios
Engraçada comedia em 3 actos, para familias com
Irene Izidro, Vasco Santana e Assis Pacheco
em 3 admiraveis papeis

VARIEDADES HOJE — Duas sessões
♦♦ 8,30 e 10,45 ♦♦
Recita de homenagem AO MESTRE
EDUARDO SCHWALBACH
Autor insigne da opereta popular e balcrista
O Chico das Pégas

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

Cultura cinematográfica

Filmes recomendados pelo Diário de Lisboa

Roma, Russia e Wonderland

das gentes desvalidas, é para lhes cantar, passando por cima das nesses.

Vamos fazer uma casa
Que tenha por teto o céu...

Escândalos romanos não é o melhor filme de Eddie Cantor nitidamente inferior a *Toureira à força* — e mesmo a *Festas Felizes*, filme em que Cantor nos aparece, como disse um bom observador, «ainda por domesticar» — tem porém o numero suficiente de *gags* e de raparigas bonitas para poder alinhar sem desdouro na sua galeria. Rimo-nos bastante, sempre com gosto, mesmo quando Eddie Cantor cumpre religiosamente a promessa que fez de enfiar a cara em todos os filmes, a fingir que é preto. Mas o dialogo é menos feliz, a enoção menos aparatosa, a tecnica menos brilhante — excepção feita à corrida de quadrigas final, soberebamente filmada.

Contar — outro bello espectáculo a recomendar.

— *Noites Moscovitas* — dizia-nos um empregario inteligente — é um filme *made expressly for...* agradar ao publico.

Não ha duvida. Mas isso é, desde logo, uma esplendida referencia, sabido como é que ao publico já não agradam filmes manifestamente inferiores. Claro que não reclamam superioridade! Também, se reclamamos, estava servido, porque só lhe agradariam dois ou três filmes por ano. E «era um pau», como se diz na Academia.

O pior de *Noites Moscovitas* é, com certeza, o livro que o sr. Pierre Benoit escreveu de proposito para dele se extrair o filme. O melhor — é Henry Baur.

«Ora aqui está um dos tais «actores» que não são «actores de cinema» — que só é pena que no cinema não haja mais! Da linhagem dos Jannings, dos Beery, dos Barrymore, dos Laughlin, Henry Baur excede-os talvez por uma especie de concentração do poder emotivo, o que o conduz a uma sobriedade modelar, sem que o seu rosto, os seus gestos e a sua voz deixem escapar a mais infima tonalidade do papel que interpreta. Imponente de aspecto, vimos-lo agora a braços com três personagens formidaveis, que se desdobram em cinco: Jean Valjean, «Monsieur Madeleine» e «Fauchelevent», Champmathieu e Bourriokov.

As duas primeiras, nos *Miserables*; a ul-

(Ver continuacão na 6.ª pagina)

Que filme lhes recomendamos esta semana? Por nossa vontade, recomendaríamos-lhes um filme que já não vai: *Alfice no País das Fadas*. Mas como nos temos que contentar com a prata da casa, que é como quem diz com os filmes ainda em exhibição, damos-lhes a escolher entre a *Roma dos Cesares* e a *Russia dos Tsares*, a primeira duplamente representada por *Cleopatra* e *Escândalos Romanos* (tragedia ou farsa, no gosto do frequer), a segunda por *Noites Moscovitas*.

Não nos atrevemos a passar em silencio qualquer deles: primeiro, porque seria injusto; segundo, porque, ainda que nos assistissem solidas razões cinematográficas, nos ariscariamos: privar qualquer leitor mais suggestivo ou mais economico dum espectáculo que certamente o entretém.

É verdade que em Cecil B. de Mille admiramos unicamente o pioneiro da *Marx de Fogo* (a celeberrima *Porfature*, que revelou Sessue Hayakawa e as possibilidades do fotograma), o artista revolucionario que só não transigiu com o novo-riquismo do após-guerra até ao *Barqueiro do Volga*, de tão acidentada carreira em Portugal. Não nos seduz o estilo «bombeiral» (não pretendemos ofender a meritoria corporação, mas simplesmente traduzir o melhor possível o francesismo *pompier*), a grandiloquencia evangelica, a megalomania decorativa, que transforma os seus filmes em sermões illustrados. Mas ha que reconhecer-lhe certo equilibrio dentro da sumptuosidade, e muita competencia dentro do mau-gosto.

Cleopatra, que em tudo obedece à receita habitual de Cecil B. de Mille, peca mais do que os seus ultimos filmes por artificialismo evidente, com autenticas quadras de revista, com *girls* e tudo, metidos (habilitmente) nos momentos em que não é possível assistir às manobras politico-amorosas da famosa «faraona» («rainha» parece-nos fraco feminino te «faraó»). Mas tem sobre eles a vantagem de não pretender converter ninguém, a golpes de «realização», ao credo do realizador, o que é enorme!

Assistimos assim ao desmoronar sumptuoso de episódios celebres — servidos com molho à americana, como a lagosta. É claro que, em *Cleopatra*, como em todo o filme Cecil-Bedellesco que se pressa, ha um milagre: os generais romanos não respondem O. K. a Marco Antonio, e nenhum centurião chama, boss a Julio Cesar!

É certo que, conforme dissemos na nossa ultima pagina (por sinal sob) a égide de Caliope, musa da eloquencia e da poesia hel-

roica, quando a verdade é que nos referimos a musa da historia, a bela Clio!) achamos perfeitamente legitimo e até aconselhavel transpor em caracteres modernos os conflitos da antiguidade. Mas, por isso, é indispensavel dar a toda a obra uma atmosfera especial, em que a decoração, o guarda-roupa e os adereços não tenham aquelle ar pretenso e pretenciosamente autenticos que tomam nos filmes de Cecil B. de Mille.

Muitas imagens são excelentes: logo no inicio, a corrida dos carros egipcios pelo deserto; a melo, o magestoso *travelling* que, bem alternado com uma linda maquette, nos dá a partida da galera real; no fim, depois duma batalha confusa, é la Sternberg, com optimo material estragado por sobreposições, a bela attitude do tribuno apaixonado, sózinho, no alto da muralha, com as legiões a rir à porta do palacio; e ainda a entrada de Julio Cesar no Senado romano.

Os interpretes são de boa qualidade. Claudette Colbert, muito longe do que foi em *Uma noite, aconteceu...*, deve ter sofrido principalmente da falsidade da personagem de Julio Cesar. Henry Wilcoxon, magnificamente contido em sedução, Warren William, fez a cabeça — mas não a personagem de Julio Cesar. Henr Wilcoxon, magnifico animal, impôs-se — como dizê-lo?

Turandot, Princesa da China



«Turandot era uma princesa cruel que degolava todos os seus pretendentes que não eram capazes de responder às adivinhas que propunha. E as cabeças eram expostas nas muralhas da cidade...». Assim começa a lenda maravilhosa que Thea von Harbou escreveu para a Ufa, e que a Agencia H. da Costa vai apresentar brevemente, interpretada por Käthe von Nagy e Pierre Blanchard.

É a nova firma
FILMES LUIZ MACHADO

que apresenta

NOITES
MOSCOVITAS

o grande filme que
entusiasma o pu-
blico do

São Luiz

e em que o grande
actor

HENRY BAUR
tem a sua mais forte
criação, ao lado de
ANNABELLA

Electro-Reclamo, Limitada

E. R. L.

(A marca de garantia)

Reclamos luminosos em todos os generos.
Publicidade em aluguer e em venda firme, de anuncios
em tubos luminescentes «NEOLUX» (com garantia).
Orçamentos e «maquettes» gratis.—Consultem a nª casa.

Escritorios, oficinas e armazens
Rua da Mãe d'Água, 30 a 34
(Edifício Proprio)

LISBOA

Telefone 2 5383—P. A. B. X.

Agencia no Norte

Eng. João F. M. Gouveia

Rua Elísio de Melo, 28

PORTO

Telefone 5969

A
S U S

(Sociedade Universal
de Super-Filmes, L.ª)

apresenta brevemente

IDADE PERIGOSA

(Romantic Age)

com ELISSA LANDI

O 9.º CONVIDADO

(The 1th Guest)

com GENEVIEVE TOBIN

O ROSARIO QUEBRADO

(The Broken Rosary)

com JEAN ADRIENNE

O BANHO DE SUZANA

(There goes Susie)

com GENE GERRARD

Cultura cinematografica

(Continuacao da 3.ª pagina)

tima em Noites Moscovitas. Em todas elas se revela um assombroso artista.

Bourliouk é a figura mais impressionante — a unica figura impressionante da novela. Aquelle complexo de amor suave e brutal, de honestidade e candidez, de sorte e azar, de materialismo e religiosidade — resulta apaixonante. Impossivel de classificar comodamente no escaninho das personagens anticipaticas, tambem não se arruma bem no das simpaticas. Para falar com franqueza, achamos aquelle nosso mistico mais digno da beleza caudile de Annabella que o officiale com pouco chumbo nos miolos. O que não nos parece é que a aristocratica nautica fosse digna de tanta força e de tanto caracter... Só por isso nos pareceu que o filme «caoba bem».

Alexis Granowsky, realizador de alto calibre, comercializo, mas com habilitações sérias, resolveu finalmente em imagens sólidas, bem escolhidas e bem armadas, a novela — do sr. Benoit. Uma vez que o livro fora feito de proposito para dele se extrair o filme, o essencial era extrair. E a gente — extrai-se, como dizia o recruta da anedota.

Henry Baur, a invulgar excellencia do som (musica muito agradável) e a voz envolvente de Annabella são os attractivos principais de Noites Moscovitas. Os restantes interpretes fazem a sua obrigação. O mais frapante é Pierre Richard Wilim, que já tem sido mais feliz. Boas decorações, bonitas paisagens, boa fotografia. Por uma vez, a Russia made in France não é de contrabando.

* * *

Faz-nos imenso transpôr que Alice in Wonderland tenha sido traduzido por Alice no País das Fadas. Perdemos um riquissimo trocadilho. Se tivesse sido traduzido como devia, diriamos: — Alice no País das Maravilhas — é uma maravilha!

Mas o que vale é que continua a sê-lo. Andado assim, o assado.

Nunca acreditamos que o livro de Lewis Carroll fosse um livro para crianças. Lêmo-lo em petiz. Achamos imensa piada ao Chapu Maluco, à Tartaruga Falsa, ao Tio Custor, ao Gato das Carretas, ao Cavaleiro Branco, ao Honky-Tonky, ao Tweedledee e ao Tweedledum — mas não percebemos pavarina. Agora, que já somos crescidinhos, Alice in Wonderland representa para nós o primeiro alcece literario do supra-realismo — e temos por ele superstitiosa veneração que os romanos do autenticos, não os do sr. Cecil B. de Mille ou do sr. Frank Tuttle tinham pelos famosos Livros de Sibila. Damos um doce ao petiz que for capaz de perceber de tio a pavio, a historia da menina Alice! Até nos afoitamos a promover um automovel — mas papá que ino-explique...

O que nunca imaginamos — e ninguém pode acasnar-nos de não ter confiança no cinema — é que fosse a primeira viagem ao écran a maravilhosos viagens ao país que está por detrás do espelho com aquella fidelidade integral que nos dá o filme de Norman McLeod.

Prodigio de tecnico! Semelhante obra está acima de toda a critica. Nunca a fantasmagoria cinematografica subiu tão alto e tão perfeitamente, nem mesmo nos desenhos animados! A que distancia ficam os mais famosos filmes de truques! Que vergonha para o famigerado King-Kong! Como parece infantil, ao pé deste filme infantil (?), O Homem Invisivel!

Os interpretes, todos eles, de renome (tívimos o gosto de voltar a ver o subtil Ford Sterling, largo tempo afastado dos estudos) distinguem-se principalmente pelas suas alucinantes caracterizações. Nem todos os dias se vê um homem mascarado de ovo, de pudim, de relógio ou de penina de vitieta — como Charlotte Henry nos dá toda a curiosidade insensível e a travessura iluminada de Alice!

Um filme verdadeiramente unico!

RETARDADOR

Servico especial para o Algarve na epoca das amendoeiras em flor, organizado pela C. P.

O Algarve está vestindo as suas melhozes galas para receber os milhares de excursionistas que nesta epoca costumam visitá-lo. As amendoeiras estão a cobrir-se de flores, o que dá o mais alegre aspecto encantador e inconfundível. A floração começa este ano cedo, devido ao magalhão tempo que tem feito. A C. P. vai iniciar no proximo dia 15 o mesmo servico especial da epoca anterior para o Algarve, com a venda dos bilhetes especiais a preços reduzidos, de Lisboa e Porto, effectuando-se no dia 15 a primeira das excursões semanais em grupos, servico que tanto exige no seu passado.

Visitar o Algarve, terra das mouras encantadas e das amendoeiras em flor, é um verdadeiro prazer.

Mundanimismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras: Condessa do Ameal (D. Maria Amélia), D. Maria Cristina Bordallo Pinheiro, D. Francisca Maria Ana Cardoso de Menezes (Margaride), D. Lidia de Figueiredo Cardoso de Oliveira, D. Maria Henriqueta de Melo Sampaio (Pombreiro) e D. Amélia Val-darrama Moraes de los Rios.

CASAMENTOS

Realizou-se na Basílica da Estrela, sendo celebrante o reverendo prior da Lapa, Monsenhor Domingos Gonçalves Nogueira, no fim da missa fez uma brilhante allocução o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Matos Pereira, filha da sr.ª D. Henriqueta Matos Pereira, e do sr. João Pereira, com o sr. Fernando Campos Cardoso, filho da sr.ª Eliza Campos Cardoso e do sr. José Pereira Cardoso, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Gertrudes Matos Dias e D. Alda Campos Cardoso e de padrinhos o sr. José Diniz e o pai do noivo.

Findo o acto religioso, foi servido na residência dos pais da noiva, um finissimo lanche da pastaria «A Garrett», recheado os noivos grande numero de valiosas prendas.

A CARIDADE

Tarde de Cinema

Realiza-se na tarde de sabado, proximo no Palacio Cinema, ás Avenidas Novas uma interessante tarde de cinema, de caridade levada a efeito por uma commissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte as seguintes sr.ªs D. Helena Teixeira Wirtz de Menezes Alves, D. Isabel Gentil, D. Julia Maria Gonçalves de Freitas, D. Manuela Ruiz Correia da Cunha, D. Maria Alda Amazonas de Araujo Rossas, D. Maria Antonia Matos Moreira Ferreira, D. Maria Arminda Mota, D. Maria do Carmo de Barros e Vasconcelos, D. Maria Francisca de Vasconcelos e Sousa, D. Maria Helena Aranha, D. Maria Helena de Castro, D. Maria Isabel Falcão de Moraes Sarmento, D. Maria Isabel Machado (Santo Tirso), D. Maria Joana de Albuquerque, D. Maria Lucinda Ressaou de Azevedo Enes, D. Maria Lucia Vierling, D. Maria Tereza de Moniz Sampaio e D. Molly Silveira, cujo produto se destina a favor da Casa de Repouso de Nossa Senhora de Fátima, sendo o programa organizado com verdadeiro criterio artistico gentilmente cedido pela casa H. da Costa.

Ordem dos Advogados

Assembleia Geral Extraordinaria

CAIXA DE PREVIDENCIA

Para continuacão dos trabalhos da reunião da Assembleia Geral Extraordinaria, que se realizou no dia 19 de Dezembro ultimo, é convocada por este meio uma reunião da Assembleia, para o dia 7 do corrente, pelas 21 e 1/2 horas, na sede da Ordem, Largo de S. Domingos, 14-D, a 1.ª andar.

Lisboa, 4 de Janeiro de 1935.

O Presidente do Conselho

José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães

DE LUTO

Menino José Ferreira Macedo



José Ferreira Macedo

Faleceu o menino José Ferreira Macedo, filho da sr.ª D. Ema de Jesus Ferreira, em cujo funeral se incorporaram numerosas pessoas que conheciam as belas qualidades da desditosa criança.

A familia do falecido está reconhecida á sr.ª D. Carolina Ferreira da Silva, que lhe dispensou os maiores cuidados, durante os seus ultimos dias de vida.

Dr. Nuno Cruz

Faleceu em Madrid, onde havia fixado residencia, o antigo official do Exercito e advogado sr. dr. Nuno Cruz.

O falecido tomou parte na Grande Guerra tendo-se distinguido na campanha da Flandres onde ganhou a Cruz de Guerra.

Depois de assinada a paz, regressou á patria, tendo concluído, em Coimbra, o curso de direito.

Aos seus ultimos momentos assistiu o sr. dr. Eduardo Cruz, professor liceal e irmão do falecido.

CARTAZ TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—Sol Poente
Tribuna—A's 21 e 30—Uma mulher de negocios.
Avenida—A's 21 e 30—O alfinete.
Apolo—A's 20 e 30 e 22 e 45—Zé dos Pacatos.
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—Viva a Folia.
Variedades—A's 20 e 45 e 22 e 45—O Chico das Pégas.
Coliseu—A's 20 e 30 e 22 e 45—O Fim do Mundo.

CINEMAT

S. Luis—A's 21 e 30
Pádua—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Odeon—A's 21 e 15.
Olympia—Das 14 e 30 ás 2.
Chiado Terrace—A's 21 e 15.
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Capitolo—A's 21.
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira.
Palacio—A's 21 e 30.
Jardim Cinema—21 e 30—Av. Alvaros Cabral.
Eden-Cinema—R. do Alívito, a Alicantara.
Sport Lisboa e Benfica—Av. Gomes Pereira.

Cabo submarino

Desde ontem que se encontram restabelecidas as comunicacões do cabo submarino entre Benguela e Mossamedes, servico que estiveram interrompidos durante alguns dias devido a uma avaria.

Grémio de Trás-os-Montes

No proximo domingo, ás 16 realiza-se uma «matinée» danstano no Grémio de Trás-os-Montes.

USE e o seu VAPORIZADOR ELETTRICO. Contra Constipações, Gripes, Bronquites, etc.

Para o brinde que deseja um despertador do Torroaes é admiravel. 119 - RUA DA PRATA - 123 Telef. 24210

Antiga "Casa Rafael" - Suc. EDUARDO RIBEIRO LOPES - CARNES. Uma das mais antigas no genero, fornecedora dos principais hotéis e restaurantes de Lisboa. - Telef. P. B. X. 2 2115. Escritorio: R. da Botega, 41, 1.ª - Talho e Salsicharia: R. da Botega, 100-101

O TALHO N.º 28. Tem sempre abundancia de banha, toucinho, murelões, farinheiras, ch urigos de carne e de sangue e toda a especie de carne fumada das melhores regiões. Carne de porco, vitela, vaca e carneiro. Fornece para hospitais, hotéis, casas de caridade, etc., nas melhores condições. Rua dos Fanqueiros, 28 (Mercedo da P. da Figueira) - Telef. 2 8460.

Sensacional estreia, hoje, no Coliseu, dos celebres bailarinos internacionais Ray Bel and Leonor Masen nas duas sessões da fantasia "O FIM DO MUNDO"

Mais uma estreia, e deverá ser sensacional, se verifica esta noite na sempre gloriosa e triunfante fantasia O Fim do Mundo que continua atraindo ao Coliseu milhares de entusiastas por esta peça de alegria, de encanto e deslumbramento. Trata-se da celebre parrelha de bailarinos internacionais Ray Bel and Leonor Masen, que nos vão revelar os seus originalissimos batlados, cheios de distincão e de arte. Querê isto dizer que O Fim do Mundo vai sendo exibido com aspectos novos, cada vez mais brilhantes e gratiosos. E de entre as varias novidades, destacam-se os numeros estreados ontem com estrondoso successo e que se intitulam:—Olhal, engracadissimo estribilho por Ema de Oliveira, e O Fado Novo, melodiosa e apaixonada criação de Ercilia Costa, a nossa mais popular cantadeira de fados. Domingo, Matinée, com entrada gratuita das crianças devidamente acompanhadas. Pregos ao alcance de todas as passas.

Vinhos

Champagnes, Cognac, e Licores etc., não comprem sem ver no 16-Largo do Chiado-17 (junto a igreja do Loreto)

BOLO REI. Todos com valiosos brindes mas o brinde mais valioso ainda é a sua optima qualidade. Pastelaria Luso-Americana. V. N. J. A. L. M. I. A. N. T. E. N. S. 146-1 a 146-B. Telefone 4 7763

Policlinica Central de Lisboa. FUNDADA EM 1905 para classes pobres. Praça Luiz de Camões, 22, 2.ª, 6.ª - Telefone 2.2740. Prof. Borges de Sousa - Doenças dos olhos, 11 h. Dr. Henrique Bastos - Rins e aparelho urinario - 11 e 1 1/2 h. Prof. Egas Moniz - Nervosas e mentais - 3 h. Dr. Carlos Falazar de Sousa - Doenças das crianças - 2 h. Dr. A. Burguet - Estomago e intestinos - 13 h. Dr. Sant'Ana Leite - Ovidos, nariz e garganta - 1 e 1 1/2 h. Dr. Craveiro Lopes (filho) - Doenças da pele e sífilis - 1 e 1 1/2 h. Dr. Figueiredo Valente - Medicina geral, coracão e pulmões - 11 h. Dr. Torres Pereira - Cirurgia geral - 3 h. Dr. Oliveira Luzes - Diarreas, raios ultra-violeta, maçações, etc. - 1 e 1 1/2 h. Dr. Freitas Simões - Doenças das senhoras - 4 h. Dr. Tiago Marques - Doença e dentes - 10 h. P. of. Eduardo Coelho - Circulação e nutrição - 4 h. Dr. Custodio Teixeira - Análises clinicas.

AOS BARBEIROS. Variado e completo sortido em utensilios niquelados para a arte, reconhecíveis pela sua qualidade e perfeito acabamento. Perfumarias nacionais e estrangeiras dos melhores fabricantes. Perfumaria Viuva Dias. 342, Rua dos Fanqueiros, 344 - LISBOA

GLACIS - EXPRESS. Marca registrada. E' RIPOLIN. seca em 3 horas existem 24 cores. A' venda em todas as Drogarias e lojas de ferragens

BARATA & VIEIRA. Talho e salsicharia. Carne de porco, vaca, vitela e carneiro das melhores procedencias e dentes - 10 h. Fornecedores de hotéis, hospitais, etc. Caçada de Sant'Ana, n.º 68

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Becker — Paris.
RINS e vias urinarias — Venereologia e sífilis. — T. N. de S. Domingos, 9. 1.
as 15 horas — Telefone 2.962

ESTRANGEIRO

Dr. Armando Narciso

Clinica medica
PRAÇA RESTAURADORES, 48, 1.
Telef. 21738

Assalto a um banco inglês

LONDRES, 4.—Um banco de Manchester foi assaltado por dois individuos, que depois de manietarem dois empregados que ali se encontravam arrombaram a caixa e levaram 500 libras, desaparecendo em seguida de automovel. Este audacioso assalto causou sensação, pois ha apenas alguns meses que outro banco foi assaltado da mesma maneira. A Policia pôs-se em campo e todos os postos de T. S. F. pediram a captura dos bandidos cujos sinais deram.—(Havas).

Demografia italiana

ROMA, 4.—Segundo a estatistica demografica relativa a 1934, o numero de nascimentos em Roma foi de 23.381 e o de falecimentos 12.264, o que eleva a 1.137.000 a população desta capital. O numero de nascimentos foi superior ao de 133 em 1.167.—(Havas).

Política mexicana

MEXICO, 4.—O presidente Cardenas publicou um decreto que confia ao partido nacional revolucionario o encargo de assegurar todo o serviço de propaganda social revolucionaria.—(Havas).

A saude de Paul Bourget

PARIS, 4.—São destituídos de fundamento todos os boatos postos a correr a respeito do estado de saude—que esses boatos pretendem alarmar—do celebre escritor Paul Bourget.—(Havas).

Derrocada de um palacio

MILÃO, 4.—Na rua Uberti abateu um palacio, ficando soterrados oito operarios, dois dos quais foram retirados já cadaveres.—(Havas).

LINDAS AVÓS



CRÈME TOKALON

Côr de rosa, unico Alimento para a pele que seja afiançado por 100 conc. As mulheres de 50 anos podem d'ora avante aparentar apenas 30.
Aplica o Creme Tokalon, côr de rosa á noite antes de se deitar e o Creme Tokalon, côr branca, não gorduroso, de manhã.
Procure-os nas perfumarias ou escreva para o Deposito de Lisboa (secção D. L.), 88 rua d'Assunção, que responderá logo.

As Sardinhas de Conserva constituem um acepipe dum riquissimo sabor. E' um principio de almoço que fica bem em todas as casas.

Recuse as latas sem nome do fabricante.

O PROBLEMA DO SARRE

Os manejos separatistas

SARREBRUCK, 4.—O Supremo Tribunal do Sarre julga um processo movido pela Comissão de Governo contra o dr. Saverkous, chefe dos serviços economicos da Frente Alemã, que é acusado de ter ofendido, no jornal «Trutzbund», o director dos Caminhos de Ferro do dr. Nicklaus. O reu accusou este alto funcionario de ter comoprado 150.000 marcos alemães a um preço baixissimo, depois de ter affixado um aviso nas bilheteiras, dizendo que não se aceitava a moeda alemã. O dr. Soverkous disse que com esta atitude o dr. Nicklaus secundou a politica dos separatistas. O advogado confessou ao tribunal que fez a referida transacção, que recebia com frequencia em sua casa os chefes separatistas Max Braun, Hoffmann, Waltz, o principe de Loewenstein e o padre Doerr e que a sua dactilographa privada passou á maquina artigos para os jornais separatistas. Espera-se com o maior interesse a sentença.—(Americana).

Um artigo de von Neurath

NOVA YORK, 4.—A revista «The Forum» publica um novo artigo de von Neurath. O ministro dos Negocios Estrangeiros alemão escreve: «Quanto mais firme é a politica interna do Reich e quanto mais ella vai a caminho dos seus objectivos, maior a certeza da possibilidade da nação alcançar os seus desejos, na politica externa. A união quasi completa do povo alemão e, mediante ella, uma vontade comum, permitem esperar que as nossas reivindicações nacionais, serão, em breve, satisfeitas. O ano de 1935 marcará um passo em frente, com a restituição do Sarre. E' licito que a evolução da politica internacional conduza a um accordo entre os povos. O governo e o povo alemão trabalharão com entusiasmo neste sentido».—(Americana).

Propaganda eleitoral

BERLIM, 4.—Em 11 de janeiro, pelas 20 e 30 horas, todos os postos alemães radiodifundirão um discurso de propaganda, intitulado: «Sarrenses! Abri o caminho, em 13 de janeiro, para a reconciliação».—(Havas).

Greve que termina

RIO DE JANEIRO, 4.—Terminou a greve do pessoal telegraphico.—(Havas).

A morte do cardinal Bourne

LONDRES, 4.—Os restos mortais do cardinal Bourne foram hoje transportados da catedral de Westminster para um dos jazigos de Saint-Edmund College, em Hertfordshire.
Uma imensa multidão enchia por completo a nave do templo. Assistiram varios prelados do clero catolico, de varias ordens. Sir Stephen Killick, lord mayor de Londres assistiu tambem ás ceremonias.—(Havas).

UM FILHO DE MUSSOLINI

fracturou uma perna

ROMA, 4.—Um dos filhos do Duce, Bruno Mussolini caiu ao descer em escaleiros montes Sisos, e fracturou uma perna. Apesar disso, e recusando atender os conselhos do medico, persistiu em assistir á chegada dos membros do Conselho Nacional Fascista.—(Havas).

Academia Brasileira

RIO DE JANEIRO, 4.—O escritor Paulo Setubal, que foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, fará no acto da posse o elogio de João Ribeiro, que o antecedeu na cadeira academica.—(Americana).

As ferias dos soberanos ingleses

LONDRES, 4.—Os soberanos de Inglaterra partem nos principios da primavera para Eastbourne, para a propriedade do duque de Devonshire.—(Havas).

Cursos de lingua alemã

Na sede do Gremio Luso-Alemão, na rua do Passadizo, 86, 1.º, começaram já a funcionar os cursos elementares, medios e superiores de lingua e cultura alemã, continuando aberta a respectiva inscrição. A secretaria do gremio encontra-se aberta ás segundas, quartas, quintas e sabados, das 15 e 30 ás 18 e 30, e ás terças e sextas, das 20 ás 22 e 30.

Almoço de confraternização

Num restaurante dos arredores, realizou-se, amanhã, domingo, um almoço de confraternização dum grupo dos alunos que frequentaram a Escola Academica nos anos de 1918-1925.

A concentração realiza-se no Café Commercial, ás 12 horas.

PORTO, BORGES, grátis !!!

Oferece a «Pastelaria Venezia» 1/4 de garrafa deste excellentissimo BOLO REI durante o periodo das festas.

Avenida da Liberdade, 63
Telef. 2 5267

UMA LATA DE VERDADEIRAS Pastilhas VALDA

bem empregada, e utilizada a proposito resguardará vossa Garganta, vossos Bronchios, vossos Pulmoes, combatendo eficazmente DEFLUXOS, BRONCHITES, GRIPPE, ASTHMA, EMPHYSEMA, etc.

Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogeries EM LATAS com o nome VALDA

Representante H. REYNAUD LISBOA

Grandjo

TIPO CREADO POR MR. JOSEPH LABORDE, PROFESSOR DA ESCOLA DE OENOLOGIA DE MONTPELLIER

INCOMPARAVEL VINHO BRANCO DE MESA

O MELHOR PARA PEIXE, MARISCOS E "CUPS",

ENCONTRE-SE EM TODAS AS BOAS CASAS E NA FILIAL DE LISBOA

RUA DO ALECRIM, 117 a 121

TELEFONE 2 2556

Política norte-americana

WASHINGTON, 4.—Na sessão de abertura do Congresso, que se realizou ontem, foram apresentados 2.400 projectos de lei, o primeiro dos quais foi um de Pattman, propondo o immediato pagamento das pensões a 2.100.000 veteranos, medida a que fortemente se oppõe o presidente da Republica.—(Havas).

WASHINGTON, 4.—O presidente Roosevelt virá hoje ao Congresso, e na segunda-feira pronunciará a sua mensagem acerca do orçamento. Segundo consta, Roosevelt reserva ao Congresso uma «surpresa» pelo que respeita ás suas opiniões acerca dos socorros por desemprego. O deficit do Tesouro no 1.º semestre fiscal é de quasi 1.700.000.000 de dolares e o total da divida publica anda em volta de 28.500.000.000. O representante dos republicanos deu a conhecer o programa da opposição, que não representa nada de novo.—(Havas).

BOLSA DE LISBOA

4 de janeiro

VALORES	6/actuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 % 1922 convert em 4 3/4 % 1931	1.107.850	1.106.600	1.174.000
Consolidado 5 1/2 % 1919	1.037.850	1.037.600	1.084.000
4 1/2 % 1933	909.000	909.000	909.000
9 1/2 % 1934	9.480	9.240	9.550
Externo 3 1/2 % 1.ª Serie	—	1.532.400	—
3 1/2 % 2.ª	—	1.509.000	1.658.000
Emp. 4 1/2 % 1919	513.850	513.600	513.800
6 3/4 % 1930-Portos	—	514.800	516.000
6 1/2 % 1932	—	1.012.400	—
Acções			
Bancos			
Comercial de Lx. port	—	435.800	450.000
Lisboa & Açores	—	—	358.000
Portugal	—	—	1.053.000
Espirito Santo	—	—	—
O.º de Seguros			
Alfândega	—	6.550	674.000
Alimentação	—	—	—
Municipal	183.000	—	182.000
Nacional	—	700.800	506.000
Seguros	—	—	700.000
Liquidação	—	600.800	700.000
O.º diversas			
C. P. ordinarias	97.850	97.800	101.600
privilegiadas	—	—	—
Agua de Lisboa, port.	650.800	640.800	660.000
Carreira Estrela	—	—	2.400.000
Cimentos de Leiria	—	—	—
Credito Predial	23.680	23.850	2.680
Tax e Electricidade	288.850	288.800	288.800
Navegação	388.000	388.500	388.500
Portugal e Colonias	69.850	69.850	69.850
Portuguesa de Pesca	169.800	169.800	—
Tabacos	372.850	372.850	372.800
Tabacqueira	—	316.800	316.800
União Electrica Portug.	180.800	180.800	183.000
Colonias			
Assucar d'Angola	—	—	—
Lisboa - 1.ª Emis. 5 %	35.850	7.080	37.900
— 2.ª	—	35.850	36.850
Ilha de Principe	139.800	34.800	144.600
Obrigações			
C. P. 6 o/o	402.800	492.850	494.800
Prediaes 6 o/o - 1932 1.ª	—	38.600	50.600
7 o/o	—	117.800	118.800
U. Electrica Port. 7 1/2	124.800	123.800	124.800
Lisboa 9 o/o	—	—	—

Henrique de Barros Gomes

Corretor official da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	1194.00	1191.00
Paris	1445.4	1448.6
Madrid	3807.4	3807.8
New-York	22305.3	22309.4
Wurich	7820.4	7830.4
Berna	1892.4	1892.7
Bruxella	5926.6	5936.7
Amsterdaem	9821.0	9824.0
Serlim	983.8	984.7
Praga	1448.9	1453.9
10 de Janeiro	—	1448.9
Libra outro	—	—

BOLSA DE LONDRES

LONDRES, 4.—Bolsa de valores: mais actividade. Fundos governamentais, mais facilis. Valores brasileiros, decem devido a dificuldades cambiais. Os alemães, Dawes e Young, melhoraram.—(Havas).

ODEON e PALACIO
A melhor de todas as comédias
de **EDDIE CANTOR**
Escandalos Romanos

ULTIMAS NOTICIAS

**Companhia das Fabricas
Ceramica Lusitania**
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
**TODOS OS USOS E PARA
TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setúbal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ!

Uma tragedia em Vila Real

Um homem assassinou outro
e suicidou-se em seguida

VILA REAL, 4.—(Pelo telefone).—A's 13 e 30 deu-se uma tragedia na fãlha da Caixa Geral de Depósitos, que profundamente impressionou todos os habitantes desta cidade. O contínuo daquela abateamento, Francisco do Aquino Costa, disparou três tiros de pistola sobre o tesoureiro, sr. Albano Fernandes, ferindo-o gravemente na cabeça e no peito. O desairado após o seu acto tentou evadir-se, refugiando-se no estabelecimento de vinhos de Antonio Soares, na rua Candido dos Reis. Como se visse perseguido, desfechou a arma contra si, indo um tiro alojar-se-lhe na cabeça.

O sr. Albano Fernandes foi imediatamente transportado ao hospital, sendo submetido a uma delicada operação. Um dos projectis atravessou-lhe o pulmão esquerdo, alojando-se-lhe outro no cerebro. O seu estado é extremamente grave. O agressor está em estado comatoso.

Ignoram-se os motivos da tragedia, havendo, no entanto, quem os filie em causas rítmicas. Ambos tinham, ha muitos anos, cortadas as relações.

OS EFEITOS DO FURACÃO

que assolou a capital da Letonia

RIGA, 4.—O violento furacão que ontem assolou esta cidade, causando muitas vítimas e prejuizos materiais de grande importancia, deixou de fazer sentir os seus terribes efeitos ás primeiras horas de hoje.

Esta manhã o mar arrojou á praia os cadáveres de mais 15 pescadores, pelo que o numero de vítimas se eleva a 35.

Registraram-se cenas lancinantes, quando as famílias dos mortos depa-raram com os cadáveres dos entes queridos na praia, cobertos de areia. Alguns apresentavam-se muito esca-ladados, devido ao violento embate das ondas.

O total de embarcações pesqueiras destruídas pelo furacão é de noventa. Ficaram reduzidas á mais extrema miseria muitas famílias, que só viviam do produto que os seus ganhavam na fãlha da pesca.—(United Press).

O julgamento de Hauptmann

e a coragem de Mme. Lindbergh

FLEMINGTON, 4.—Numa exposição diodindrada, o advogado de Hauptmann declarou que a defesa ia tentar provar que o rapto do filho de Lindbergh fóra planeado em casa deste, o que não quer dizer que qualquer membro da família do aviador esteja implicado no referido repto. Afirmou que havia cinco pessoas—de que citaria os nomes no tribunal—envolvidas no caso e que a criança não foi trazida pela escada de mão e tirada pela janela, mas sim saiu normalmente pela porta da rua.

Toda a gente admirou a coragem que a esposa de Lindbergh demonstrou ontem no seu depoimento, que devia ter constituído um dos momentos mais cruéis da sua vida. Durante todo o tempo que esteve sentada no banco das testemunhas, a depór, seu marido não tirou os olhos dela, como para dar-lhe a coragem.—(Havas).

Roosevelt quer evitar

a todo o custo

a corrida dos armamentos

WASHINGTON, 4.—Roosevelt está resolvido a usar de todos os meios ao seu alcance para evitar a corrida dos armamentos. Ha que contar primeiro com o projecto de Hull para a fiscalização do fabrico de armas e depois o governo espera conseguir um acórdio no quadro da Conferencia Internacional do Desarmamento, em Genebra. O ministro dos Estados Unidos em Berne partirá para a Europa no dia 10 do corrente com instruções para sondar os governos europeus com respeito a uma reunião da Conferencia do Desarmamento. Os Estados Unidos tencionam pedir a inclusão da Alemanha nas conversações e talvez mesmo a sua assistência àquella conferencia.—(Havas).

Os japoneses denunciaram o tratado naval de Washington. Em consequencia dessa resolução os americanos, directamente ameaçados pela tentativa niponica para conseguir a paridade de armamentos, procuraram um entendimento com a Inglaterra. Não foi possível realizar o entendimento anglo-americano por dois motivos: a Inglaterra repugna trabalhar fora do quadro de Genebra (os acordos de Locarno e de Briand-Kellog, que têm a sua assinatura, estão rigorosamente subordinados á letra do pacto); além disso os interesses britãnicos encontram-se tão intimamente ligados aos interesses japoneses no Pacifico, que é impossível ao Foreign Office e ao Almirantado tomar atitudes decisivas que possam desagradar aos dirigentes de Toquio.

A Washington só restava, portanto, entrar no caminho duma combinação de caracter geral feita com o apoio de Genebra para garantir a adesão de Paris e de Londres. Uma tal manobra implica o risco de comprometer toda a politica geral norte-americana que terá de definir-se, claramente, pelo ingresso na S. D. N. ou pelo isolamento actual, com os seus riscos inevitáveis.

A primeira hipótese está longe de contrariar os desejos íntimos de Roosevelt; anuncia-se mesmo já a proxima apresentação no Senado duma proposta que, por enquanto com a responsabilidade exclusiva do seu autor, procurará fazer ingressar imediatamente os Estados Unidos na S. D. N.

Previendo a hipótese de que esta tendencia, claramente apoiada pela Casa Branca, não triunfe de momento, os dirigentes americanos encaram a possibilidade duma participação activa na Conferencia do Desarmamento e numa nova Conferencia Naval, em que colaborariam, pela primeira vez, os delegados tecnicos e políticos da Alemanha e da Russia.

Os acontecimentos e a lição dura dos ultimos tempos demonstraram que a doutrina de Monroe sofreu desgastes identicos aos que inutilizaram o principio tradicional do isolamento britânico. A America reconhece, com as reservas naturais que as suas conveniencias vitais condicionam, que só uma politica de larga e sincera colaboração resolverá a crise que a todos afflige e a todos pode vitimar.

O pacto franco-italiano

está concluido

Importantes declarações de Laval

PARIS, 4.—Antes de partir para Roma, Laval fez as seguintes declarações á imprensa italiana e francesa:

«As negociações entre a Italia e a França para a efectivação do pacto franco-italiano decorreram sempre com grande cordialidade. As conversas que vou ter com Mussolini terão um mais alto objectivo do que a realização pura e simples do pacto franco-italiano ha muito desejado e aguardado pelos povos que defendem a paz.

«Esse objectivo é o de fortalecer e assegurar a paz e a tranquillidade entre os povos do mundo, admiravel trabalho de que a Italia e a França, juntamente se podem orgulhar.

«Defenderei os interesses da França, assim como Mussolini defenderá os da Italia, mas juntos defenderemos os interesses da paz mundial.

«No momento de partir sob o peso de tão grande responsabilidade, garram solenemente que os que me honraram com a sua confiança não sofrerão Laval e Mussolini concluíram em Roma um acórdio com caracter antirevisionista.—(Havas).

Os receios da Hungria

BUDAPESTE, 4.—Os jornais frisam a importancia de viagem de Laval a Roma. No entanto esta visita faz reaparecer os antigos receios, que a imprensa official procura dissimular sob protestos de confiança em Mussolini, ao mesmo tempo que outros órgãos dão a entender que a Italia não poderá renunciar ás pretensões territoriais que tem defendido, especialmente na direcção dos Balkans. Como a revisão do tratado de Trianon é o fim supremo da politica externa da Hungria, receberam-se com certa inquietação em Budapeste os boatos de que Laval e Mussolini concluíram em Roma um acórdio com caracter antirevisionista.—(Havas).

O objectivo da viagem

ROMA, 4.—A United Press sabe de fonte autorizada que as conversações que se iniciam hoje nesta capital, entre o ministro dos Negocios Estrangeiros da França, sr. Laval, e o chefe do governo italiano, sr. Mussolini, têm por objectivo ampliar o pacto franco-italiano, de forma a permitir que nele possam participar as nações que constituem a Pequena Entente e tambem a União das Republicas Sovieticas.—(United Press)

EXERCITO E MARINHA

Conferencias militares

No ginnasio da Escola Militar prosseguiu hoje a serie de conferencias tecnicas promovidas pela direcção da Arma de Infantaria.

Presidiu o sr. general Bernardo do Canto, director da Arma de Infantaria, e assistiram algumas centenas de officiais de todas as armas e patentes.

Foi conferente o capitão sr. Alexandre Moraes, que falou largamente sobre temas de fortificação.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

O contrabando de armas

e a cumplicidade

de Azaña e Marcelino Domingo

MADRID, 4.—O órgão catolico «El Debate», no seu numero de hoje, referindo-se ao contrabando clandestino de armas e munições descoberto ha tempo em San Esteban de Pravia, acusa abertamente os sr. Azaña e Marcelino Domingo de serem os unicos responsaveis do referido contrabando, pois forneceram o dinheiro suficiente para a sua aquisição no estrangeiro.

Esta afirmação causou, como era de prever, grande sensação não só entre o publico como tambem em varios centros politicos da capital.—(U. P.)

Condenação á morte

MADRID, 4.—O ministro do Interior sr. Eloy Vaquero declarou: esta manhã aos jornalistas que o governador das Asturias lhe comunicara telefonicamente que o conselho de guerra all reunido condenou o ex-sargento Vasquez á pena de morte e a uma indemnização de cinquenta milhões de pesetas para as famílias de varios militares que por sua ordem foram mortos durante os ultimos sucessos sangrentos das Asturias.—(United Press)

Restituído á liberdade

MADRID, 4.—A comissão permanente das Córtes concedeu a liberdade condicional ao socialista sr. Juan Tirado, que presentemente se encontra enfermo no presidio militar de Huelva e que é acusado de ter chefiado varios grupos de revolucionarios por ocasião dos ultimos sucessos que se registaram nas Asturias.—(U. P.)

Prisão de um assassino

MADRID, 4.—Fol preso esta manhã pela Guarda Civil Gutierrez Fernandez, que é acusado de ter assassinado o capitão da mesma guarda, D. Alonso Nart, por ocasião da revolução grevista das Asturias.—(United Press).

Começa já no domingo

o plebiscito do Sarre

SARREBRUCK, 4.—A United Press sabe de fonte segura que a votação do plebiscito do Sarre effectua-se em dois dias distintos. O primeiro será no proximo domingo, 6, dia em que votarão os funcionarios publicos, empregados telegrapho-postais, ferroviarios e policia.

Depois de terminados os trabalhos do primeiro dia as listas serão transportadas para Wartburg Hall, onde ficarão rigorosamente guardadas e vigiadas até domingo 13. Neste dia votarão, então, os civis e os funcionarios que por qualquer motivo não puderam votar no dia 6.

Esta resolução foi tomada pela Commissão Especial do Sarre, em virtude do domingo, 13, ser um dia de grande movimento para os serviços dos Correios e Telegraphos, e ferroviarios, o que impedia, até certo ponto, os respectivos empregados de tomarem parte no plebiscito.

No dia 13 sairão da Alemanha para votar no Sarre 56 mil alemães.—(United Press).



PASTELARIA
MARQUES
CHIADO, 72 Tel. 2 3362

O MELHOR

Bôlo-Rei

AVIZ SNACK BAR

SABADO 5 DE JANEIRO

Realiza-se o 6.º Snack Bar que tanto tem animado as noites dos sabados no Aviz Hotel. Pratos especiais: Hot-Dog, Iscas de borla, Assiete anglaise, Rim no espeto, etc. Danças desde as 20 horas no som da esplendida orquestra privativa deste Hotel.

Reservam-se mesas pelos telefones 48101 - 48102 - 48103.

DOMINGO, dia 6, ás 5 da tarde - CHÁ DANSANTE

DELICAT

Cigarro sem igual—20—por 500.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
 Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

DR. LEITE DE VASCONCELOS



Quem o vê passar na rua, alheado na sua indiferença pelo formigueiro humano, sem data no vestir nem no tamanho arqueológico do chapéu, dirá consigo:

—Este homem viveu muito atrás de nós, Deus sabe em que remoto século, e por isso só busca lembranças do que já lá vai.

Realmente o dr. Leite de Vasconcelos parece-se com certo personagem de Rulwer Lytton que, quando recebia a visita de alguém, principiava assim:

—O mundo para mim começa e acaba na minha secretária...

O sábio ilustre que tanto honra a ciência portuguesa, aquém e além fronteiras, tem-se concentrado na pre-historia, na arqueologia e na filologia, com tal convicção—que adquiriu o espectro venerando e rupestre dos domínios que elas exploram.

Ha anos visitou os Açores e descobriu, no termo de Ponta Delgada, uma aldeia chamada Arrifes, fóra do convívio das gentes, onde se falava a linguagem silvana dos primeiros moradores que desbravaram o solo da ilha de S. Miguel.

Que achado: o português dos fins do século XV—o mesmo dos marinheiros das descobertas!

Exultou o sr. dr. Leite de Vasconcelos que encheu alguns cadernos de notas. Se alguém, assim que tornou a Lisboa, lhe perguntava pelas suas impressões açoreanas, respondia logo:

—Terra admirável onde podemos de-sandar três a quatro escudos, sem saírmos da mais rigorosa actualidade!

A vitória de Ruth

Conto bíblico, narrado aos homens de hoje por **JOAQUIM MANSO**

Israel caíra no domínio de Jabin, rei de Canaan, a quem pagava tributos. As tribus doam-se com tal humilhação que a sua «dura cerviz» aceitava como o cavalo o freio ou o boi, o jugo. Os velhos choravam em silencio a sua dor e a juventude páida e triste envergonhava-se da sua inação.

— Quem nos guiará ao combate? Quando seremos dignos dos paladinos de Josué?

Debora, profetisa e mulher de Lãpidoth, que mantinha a verdade e justiça, na interpretação prudente da Lei, chamou Barac, filho de Abinoen, e disse-lhe:

— Alista dez mil soldados das gentes de Neftali e de Zabulon e avança até à torrente de Cison onde acamparás. Farei que os exercitos do inimigo, comandados por Sisara, corram a provocar-te. Ataca-os e desbarata-os sem temor, porque Deus está connosco.

Barac respondeu-lhe:

— «Se vieres comigo, irei: se não quizeres vir comigo, não irei».

Debora pôs nele os olhos calmos, accentuando com profunda convicção:

— Estarei a teu lado, na hora do perigo, mas fica sabendo que Sisara não será presa tua, mas duma mulher que lhe ha-de arrancar a vida.

Tudo se passou com ela ordenaria. Apenas as tropas vindas de Asor esboçaram uma ameaça, Barac lança as suas, ao grito de «viva Israel». Sisara, o orgulhoso, aterrado pelo Senhor, abandona a partida, saltando do seu carro, e foge como louco. Era quasi noite, quando se desencadeou a terrível perseguição sobre o vencido: á medida que as trevas cresciam, redobrava a matança.

Numa enorme extensão — campos, serras, vales, aldeias e cidades — desenhavam-se velozes e tetricas as sombras glúcinadas dos fugitivos que a cavalaria de Barac abatia sem piedade. Gritos roucos, implorações desesperadas cortavam o silencio opaco e sinistro. Ijuvens de poeta penetravam nas tendas dispersas junto dos palmeiros, á beira rio, sufocando as mãs, as esposas e as donzelas que, desfalecidas e gementes, invocavam o auxilio divino.

— Valei-nos Deus forte, Deus bom e Deus justo...

Rompia a luz do novo dia, quando souo o canticco de Debora entoado no jubilo da vitória: o opressor pagára caro a sua insolencia.

— Mas: onde se esconde Sisara? — indagou Barac, no desejo de se encontrar com ele face a face.

Levantou o eimo e viu ao longe um mortico clarão que se escoava pela estreita abertura duma branca tenda. Em galope celere, dirigiu-se para lá, gritando:

— Quem vive?

— Sou eu Jahel, mulher de Heber, com minha filha Ruth. Apeia-te e vem ver um quadro impressionante.

Assim fez. Diante dele estendia-se um cadaver.

— Quem é?

Jahel desanuviou o rosto de feições nobres e apontou:

— Sisara o teu inimigo, a affronta de nós todos, o escarneio de Israel!

ceifados, animam de misterio e angustia.

A primeira, alta e magra, mater-dolorosa, trinta e cinco anos, na formosura eburnea do seu perfil sem mancha, na turvação da tempestade que passa, ardida de raivas e blasfemias, conserva um sangue frio admiravel. Envolve a cabeça num largo capuz e o corpo numa tunica longa que se arrasta pelo chão. De vez em quando, interroga:

— Quando virá ele? A que horas o meu braço ajustará contas com o monstro?...

A segunda, agasalhada num manto de alva lã de Tyro, mostra-se tremula como avesinha batida pela procela. E' uma maravilha nada e criada sob o bojo do deserto. Quinze anos apenas — assustados, mimosos e encantadores. No seu pobre peito ansioso, formula-se esta duvida:

— Barac sairá da luta sem um ferimento? Dignar-se-á ele visitar-nos e pousar sobre mim a sua atenção?

Jahel — Ouve, minha filha, como os soldados de Sisara caem á agua que tigem com o seu negro sangue? Ha quanto tempo eu esperava este momento supremo, marcado a fogo no pensamento do Senhor. Sisara que matou teu pai, roubando-lhe os tesouros e os rebanhos, pretende manchar a nossa honra, a pureza sagrada do nosso lar. Repell-o mas não desistiu dos seus ruins intentos, tentando-me com riquezas e presentes. Foi-me necessario desaparecer contigo, percorrendo legoas e legoas, com os pés cortados pelos espinhos, porque o unico bem que devemos conservar é a virtude que merecemos. Supliquei o Ceo, com fé e humildade.

— Paz e perdão para a mãe que se salva com o tenro fruto das suas entranhas! Senti no meu coração uma voz que murmurava:

— Torna para o vale de Sennim e propõe outra vez amizade a Jabin que a aceitará.

Escrava da palavra de Deus trouxe-te para aqui, na creença de que estavamos protegidas. A besta, porém, yelava e ulvava, seguindo-me os passos. Não são passados dois meses ainda que ele me enviou duas lindas camelas carregadas de ouro e perolas. Estremeci de nojo, devolvendo-lhe a mercaderia:

— Guarda para ti o roubo e a infancia!

Cego de raiva, expediu-me uma carta, concebida nestes brutos termos:

— Dentro de pouco, serás minha e pagarás com a tua vergonha o sossego que me tiraste.

Estava disposta a tudo — morrer ou matar, se tanto fosse mister — para evitar a deshonra... Felizmente que a guerra estalou e com ela findará o meu tormento.

Ruth — (Febre com uma ponta de delirio. Enlaça-se na mãe, encosta-lhe a face ao seio e respira com esforço).

— Já não soffro pelo que se passa lá fora, mas sim pelo que tenho aqui dentro. Minha mãe, minha adorada mãe, escalda-me na alma quanto me contaste. A tua historia abraza-me, queimando a infancia e a lenda que me embalavam. Nasci de novo no ventre da insaciada amargura que me revelou. Como sou miser e pequenina comparada contigo!

Jahel — Até aqui, vivias tu em mim, amparando-te no meu braço e orientando-te pelo meu conselho. Agora sei eu que viveres do ti, realizando na tua a minha existencia. A vida não deixa que se partam os elos que nos ligam uns aos outros: os pais completam na sua prole os sonhos que os tocaram, como a claridade dum astro a poeira que se desvanece. Repara no que te digo: Deus julgou-me na sua infinita misericordia e foi clemente a meu respeito. O dia que se avizinha vai ser o maior da minha tortura redimida.

Ruth — Escuta... descubro um vulto estranho que se agarra ás rochas e ás raizes, a fim de se confundir com elas (Num movimento subito de inspiração profetica) E' ele, bem o avisto, o peccado, a macula hedionda que te roçou sem deixar rasto. Assassino, ladrão, cloaca imunda!...

Jahel — Acalma-te, meu amor, e não te assustes. Ninguém nos ofenderá. Barac desfez o invasor, mas o triunfo caber-me-á: breve exterminarei a torpeza na podridão que a gerou. Recolhe ao teu leito e não soites o mais ligeiro grito.

Ruth retira-se lentamente, com um clarão na fronte que significa obediencia a uma ordem absoluta e certa de que Israel reencontrou na graça do Senhor. Enquanto ela cicia amorosamente: — Minha mãe, minha mãe... recorta-se no limiar da tenda, amarelecida e torva, a figura atletica dum guerreiro, com as armas rotas, desalentado, pesado na espessura dum corpo que a desgraça está triturando, qual seizo sob a roda dum carro.

Sisara — Aqui me tens, mas como não quizeras ter vindo. Em vinte quatro horas, mudel de posto — ontem generalissimo, hoje palhaço.

Jahel — E's tu, não me engano! Trazes o aspecto que te convem e que te pinta a primor. O destino tem um golpe de vista infalível. Assim asmo: o criminoso no declinio do seu crime. Ha longo tempo que esperava por ti! Tanto tardaste que supus que eras infiel á tua promessa. Enfim, eis-te despedido da tua soberba, maclo e doce como um cordeirinho. Da luxuria que te revolvía as entranhas, brotou a suplica dum pedinte.

Sisara — O momento não tolera de longas: depressa, depressa, uma cama para repousar. Eu que comandava as tropas da Canaan, não aguento o peso da minha destroçada armadura.

Jahel — Entra, pois, com cuidado: não roubes o sono de minha filha que, como o lirio do vale é sensível ao sopro do aquilão. Não faças barulho, captivo obeso e clinico, que existe aqui um morto mui atento ao fechar das feridas que lhe abriste e que não cessa de bradar: — Jahel, fiel esposa que o amor e a dor sagraram para mim, não consintas que o esquecimento disperse os meus ossos!

Sisara — O que lá vai lá vai: se todas as minhas victimas andassem atrás de mim, a pedir vingança, seria eu o cão danado de Canaan...

Jahel — Sê benvindo, portanto. Fatigado e empoeirado, não é verdade? Preparei-te os lençoes mais frescos e derramei neles as essencias de que tu gostas. Aprecias o nardo e o benjoim, sacos de vermes e de puz? Nada te faltará. Nem sequer aludirei á tua fuga



Quatro horas da manhã: Jahel e Ruth escutam a treva, através da qual se desenvolve a batalha que os estertores da agonía, nos que vão sendo

trépida, no meio da derrocada, para escapares a qualquer golpe mortal...

Sisara — Dá-me um copo de agua, que sinto muita sede. Não imaginas o

(Ver continuação na 4.ª página)

Notas em circulação

Vai-se desenvolvendo em Portugal o gosto pela leitura. Gente das camadas humildes talvez um pouco à toa, mas com verdadeiro interesse, apaixonou-se pelos livros.

Por todos? Não: ha livros que só interessam a certos enfermos, como alguns medicamentos suspeitos.

Com esses não contamos. Referimo-nos ao publico digno cujas curiosidades nada têm de morbidas. E' com a gente sã e sem taras que devem preocupar-se os nossos escritores.

Houve tempo em que a literatura era simplesmente recreativa, saborosamente inútil, deliciosamente esteril. Os tempos mudaram para melhor: a poesia, o romance, a historia, a critica, o teatro e a polemica não visam a adormecer os reumatismos, mas a despertar os sonolentos.

Existem inquietações que nos obrigam a interrogar as sílabas. As nossas leituras obedecem a preocupações intimas.

Convenem varia-las e dosea-las qualitativamente.

Vimos ainda ha pouco mais duma semana uma carta enviada ao director dum jornal em que vinha esta candida pergunta:

—Porque se não proibe a importação do livro estrangeiro?

Por ser impossível: mal de nós, se para alargarmos o mercado da literatura nacional houvessemos de vedar a entrada aos estranhos. O confronto é necessario como estimulo e como selecção.

Alberto Xavier encetou a publicação duma obra sobre O Romance destinada a demorado sucesso, tanto mais que a nossa bibliografia nada menciona que se lhe possa comparar. Trabalho de folego e de larga construção.

E' dedicado a Boccaccio, Fernando de Rojas, ao autor desconhecido de «Lazarillo de Tormes» e a Mateo Alenian, nos seguintes termos:

—Grandes inovadores que, desde meados do seculo XIV a fins do seculo XVI, num periodo da historia literaria da Europa predominantemente impregnado, ora do espirito aventureiro e romanesco expresso nos livros de cavalaria, ora do gosto convencional e idealista das pastorais e das ficções heroico-galantes—surgiram a ensinar, a posteridade a arte das composições realistas em prosa, fundada na observação exacta da vida, dos caracteres e dos costumes humanos, e soberanamente, consequentemente, prestar, em tão remotas épocas, inolvidáveis serviços á causa universal da razão e da verdade».

Entre nós, são rarissimos os estudiosos que, como Alberto Xavier, trabalham sem pressa e numa atmosfera de meditação e recolhimento. A sua biblioteca, que é assás rica, serve-lhe de santuario: dentro dela recolheu o material que lentamente vai desbastando, a fim de lhe dar nova forma, dentro do plano que concebeu.

Segundo Louis Lavelle, no seu livro recente—La Présence Totale, nós podemos viver no universo de duas maneiras—penetrá-lo com a nossa consciencia ou fugir dele, como o fumo que sobe dum tronco a arder, dispersando-se, sem deixar rasto.

Isto envolve uma separação quasi absoluta na especie humana: quem vive por si, em si e de si, renegando da

simpatia universal é como o ladrão que quanto mais rouba menos tem;—pelo contrario, o homem que, através do seu ser, sente a harmonia das coisas, a lei que a impõe e o Absoluto que a inspira, conhece a paz, a alegria e a plenitude. E' urgente escolher.

Como hesitar entre a fonte e o charco?

S. Francisco de Assis desviava as apparencias e entrava em contacto com o Ser, confundindo, na sua visão fraterna e evangelica, as hervas e as astros, os cavarijos e as aguias.

Carta de Paris

Ouvir falar português...

Scenario—o «Marché aux puces». Gente diversa cociuvilhando por entre as mais desconcertantes bugiangas manipsans que agrade ou coisa útil que, por acaso, vá topar nessas paragens.

Na grande (Feira da Ladrão), de Paris, todos os domingos, o aspecto é semelhante ao do nosso mercado semanal das trazeiras de S. Vicente. Os mesmos pregos ferrugentos, as mesmas fechaduras inverosímeis, os mesmos pares desencontrados de botas velhas. Os moveis, os candieiros, os aparelhos de T. S. F., as molduras, os trapos, tudo cansado, gasto (já a dizer dolorido), amontoam-se em promiscuidade a fazer de fundo ao estendal das coisas mais pequenas, sobre oleados, á frente.

A correnteza das barraquinhas, dos toldos, dos cobertos, quasi igual, repetindo-se ora piores ora menos piores, estende-se por quatro ou cinco ruas dum bairro de latas vergonhosas de miséria, porcaria e desconforto. Em frente dum sacco de amendoim, um homem novo, mal barbado e de boné, réclama em grita a sua mercaderia:

—Eh m'sieurs-dames! C'est vingt sous le paquet!
Distraio-me ao lado a discutir o preço duma especie de Buda que me diverte, quando me salta aos ouvidos, nitida e inesperada uma frase portuguesa:

—Nem quando vier a mulher da fava rica!
Volto-me, quasi contente, para o homem do amendoim.

—E' português?
—Oui monsieur...

—Apresento-me. Entramos á fala. Sei que é operario da construção civil e que não tem trabalho.

—Está tudo no «chomage». Agora os mestres só «ambocham» dez por cento de estrangeiros, e a gente tem de vender «cacaouettes» para não morrer de fome...

—Ha muitos portugueses na porta de Gligancourt?
—Uns quinhentos... Tudo na mesma. Ora se trabalha, ora não... Isto vai muito mal com o inverno e com o frio...

—Todos os operarios portugueses vivem neste bairro?
—Quasi tudo. Ou aqui ou lá para a entrada de Montmartre que ainda é pior. Se o senhor é jornalista vá ali áquela «bistrôta» que é onde a gente se junta mais, veja e fale que isto bem merece uma critica!

Nunca na minha vida tive tanta pena de ouvir, no estrangeiro, entre latas e detritos, uma voz de homem, sábia, falar o português.

Ouvir falar português! Nem muita gente imagina o que nos surpreende, na confusão das ruas, entre o som de muitas vozes, uma palavra portuguesa que ás vezes se ouça, por acaso. A curiosidade mistura-se a uma certa alegria, como se revíssemos uma pessoa amiga, embora quasi sempre se perca, no movimento, a direcção da voz.

Se Portugal, que continua um pouco em moda em Paris, é mais conhecido do que pode julgar-se, ao português, infelizmente, não acontece o mesmo. Por isso o meu espanto quando depois de subir as escadas dum dos intermináveis corredores da Sorbonne, em busca dum amigo, o ouvi, calmamente, em frente duns quinze alunos que respondiam na mesma lingua, explicar Camões em português corrente.

Quinze franceses, não é muito na verdade mas já é agradável de saber-se, pelos cuidados do prof. Le Gentil e do dr. José Manuel da Costa, preparam este ano o seu Certificado de Estudos Superiores em Português.

Um lusofilo entusiasta, Antoine Evin, que prepara um doutoramento no Instituto de Arte e Arqueologia, apresentando como tese um estudo sobre o estilo manuelino, organizou mesmo, com eles e com outros, um Grupo de Estudos Portugueses. Mais bando de amigos que circulo de estudiosos, se quiserem mais, com certeza, optima maneira de fazer cimentar e irradiar o amor da lingua e das coisas de Portugal.

Todos nós, os portugueses de Paris, artistas, jornalistas, estudantes, porque somos poucos e dispersos, e porque seria idiota ensinarmos-nos em conversazinhas privadas, passamos os dias, as semanas, os meses a falar francès para que nos entendam, como é, de resto, natural.

Só ao Francisco Smith não acontece isto.

Pelas paredes de três exposições, no espaço destes últimos três meses, insistente, suave, sem desfalecimento, o Smith continua a falar português. Ora são as ruínas frescas e lavadas de sol dum recanto imaginario de Lisboa, ora as prãs bem cortadas das fragatas que se alinham junto do cais pululante de varinas e bordas-de-agua, ora o lirismo resignado de três meninas que se aconchegam, sonhando quasi, no varandim duma janella provinciana cheia de rosas de trepedeira, ora a alegria colorida e alacre dum arraijal que dança, ora dois namorados que se enlaçam, românticos, sob a sombra duma vinha alta, ora... sei lá quantas memorias, quantas saudades portuguesas que se condensam numa pintura sem habilidades, humanissima e clara.

E, todos o admiram... e ha quinze anos assim!

Talvez que em Lisboa, quando o viram no verão passado, ninguem se apercebeu desta coisa extraordinaria.

Paris, 28 de dezembro de 1934.

ANTONIO PEDRO

Na sua miseria mendicante, havia tesouros sem preço.

Cada um de nós, afirma Louis Lavelle, carece de acertar a sua existencia pela do universo, pois, se assim não fizermos, rolaremos eternamente no meio das formas, sem encontrar pousada nos braços do Amor!

O assunto da semana tem sido bon gré, mal gré...—a atribuição dos prêmios literarios instituidos pelo Secretariado de Propaganda Nacional. Fa-

la-se mais do caso nos cafes, nas esquinas e em casa de cada um do que propriamente nos jornais. Estes são, pelo menos por decreto da Subedioria das Nações, espelhos em que se reflecte a vida publica. Mas a verdade é que ás vezes lhes escapa, no seu febril relancear das coisas e das gentes, um ou outro aspecto mais importante para o futuro delas que este ou aquele fall-divers mais ou menos suspeito.

A questão premios literarios pode e deve encrar-se sob multiplos aspectos. O essencial é não confundir esses aspectos uns com os outros, louvaminhando ou condenando o todo pela simples razão de nos lisonjear ou nos irritar determinada parte.

Objectivamente: na instituição de premios literarios, venham eles de onde vierem, ha vantagens e inconvenientes proprios da iniciativa. Verificam-se elles em todos os premios criados e por criar, estrangeiros ou nacionais. Mas a verdade é que eles são em toda a parte mananciais de criação literaria quer pelo incentivo que resulta da existencia duma isca monetaria, quer pelas discussões que provocam infalivelmente as decisões do júri. Portanto, uma vez que a existencia de premios literarios provou ser capaz de pôr em circulação a agua morna das letras portuguesas, é mais de louvar que de criticar a sua criação em Portugal.

Além disso, conseguiram os premios do Secretariado, nesta sua primeira distribuição, por mais defeituoso que se considere o seu regulamento, adiantar alguma coisa de concreto na evolução, indispensavel a todo o progresso literario, das relações entre autores e leitores? Que se parecer—nos que sim. Por estes, o publico encontrou facilmente um Vasco Reis, li-co de verdade, aquilha que só por mero acaso descobria no palheiro dos lirosos á moda do Minho; por eles foi revelado (!) ao publico o nome do poeta e pensador que, de ha muito, guiava toda uma frente intelectual, através da escura publicididade da revista quasi confidenciais: Fernando Pessoa.

Mais do que uma consagração, um premio literario é uma indicação: dum autor, duma obra, duma tendencia, pelo menos. Caetano Beirão, Portugal vasto imperio e as doutrinas inventariadas no limiar da Idade-Nova—são, evidentemente, seres ou coisas que o publico passou a conhecer, com o que nada perde. E até se dá o facto curioso de ter passado a conhecer muitos autores não premiados, que ele ignorava seraficamente, e que lhe foram revelados através daquilo a que os respectivos grupos chamam fantochada ou tremenda injusticia...

Da Livraria Editora Guimarães & C.º recebemos uma gentilissima carta com uma cativante sugestão. Nela, além de palavras de incentivo que nós não tanto mais gratas quanto é certo que provém duma casa que á causa literaria tem prestado inapreciáveis serviços (sob o impulso inicial do illustre escritor e bibliographo Delfim Guimarães)—alvitra-se «a criação duma secção em que se annunciasssem os livros a sair e os publicados na respectiva semana, solicitando de todos os editores a remessa, semanalmente, dessas notas».

O Suplemento Literario do «Diario de Lisboa» criou-se, tal como diz a carta, para servir publico, autores e editores. Porá, portanto, em pratica a sugestão da livraria Guimarães, criando a nova secção «Movimento Literario», que já inserimos neste numero.

Cal Hidraulica «Rochedo»,
VENDE: Campo das Cebolas, 12-A—Telef. 2 6576

Quintão, Ltd.º

São os decoradores mais modernos do País
Consultem-nos sempre e terão resolvido um grande problema

44, Rua Ivens — Telefone 28089

Os «Autos Pastoris» da Figueira da Foz Dez minutos

(Uma carta em que se prestam alguns esclarecimentos)

com

Do sr. Cardoso Maria, escritor e investigador afamado, recebemos a seguinte carta:

«Presado Amigo:—No seu apreciado jornal, da ultima sexta-feira, deparou-se-me um artigo subscrito pelo distinto jornalista sr. Augusto Pinto, sobre os «Autos Pastoris» que ainda hoje vão á cena na Figueira da Foz pelas festas no Natal, Ano Bom e Reis. Dada a minha qualidade de figueirense e, por consequencia, não me sendo o assunto inteiramente alheio, permitto-me, com vênia do autor, opôr alguns leves reparos áquele artigo.

Em primeiro lugar, os «Autos» não são de exclusiva localizacao na Figueira, como supõe o sr. A. P.; em varios pontos do Minho, Trás-os-Montes e Beiras se representam (Teof. Braga). Também a sua origem não é de feição culta, mas sim transformação ou adaptação popular dos autos heróicos que na minha idade se desempenhavam nas igrejas e mosteiros, e não poderosamente influíram no génio criador de mestre Gil. A tradição manteve-se; mas como não corriam impressos, os «Autos» da minha terra foram-se alterando nas diversas cópias, com a adjução de novas cenas e novos personagens. No seu estado

actual, devem de remontar ao acaso do século XVII ou ao diluicio do seguinte, opinão subscrita pelo proprio Anibal Fernandes Tomaz, citado pelo articulista.

Quanto á sua divulgação impressa, posso informar, que ha cerca de 25 anos, (não posso precisar, porque estou longe dos meus papeis), publiqui as primeiras cenas dos «Autos Pastoris» no semanario local «A Voz da Justiça», para uma edição que projectava. (1)

Da enumeração dos personagens dos «Autos» depreende-se que o unico anjo all nomeado é a «Passarola». Não é assim. Varios desses incoas certos esvoaçam na peça; e só em cena alterna, numa cena com aquella designação é que os zagals acordam sob bressalio, ouvindo o rufar das asas dum anjo rutilante, ruido que elles attribuem a «Passarola». Como é sabido, essa era a designação popular do aparelho voador do padre Bartolomeu de Gusmão. Por sinal que é esta a unica cena dos «Autos» a que se pode attribuir epoca mais ou menos exacta.

Já me esquecia notar a errada designação dos seculos, baptizados, na 2.ª columna do artigo, como de 800 a 900, quando era aos de 700 e 800 que A. P. se queria reportar.

Concluindo: o escrito do sr. Augusto Pinto é traçado com vivacidade e bom humor, e nascido da saudade dos bons tempos em que ele, «Idoso» de 4 ou 5 lustros, conversava as costureirinhas do Roque ou do Zé Guia que, pelas noites atrepidas do inverno figueirense, concorriam a ver os «Autos». Simplesmente ha que soprar algum polvicho de fantasia, desculpavel em quem «ha 20 anos bem estirados que não vê «preséplos».

Não são das menores fantasias os desenhos que acompanham o artigo, obra dum artista que nunca viu o que debuxava, sob indicações que lhe fornecia o autor do escrito.

Publicarei fotografias directas e, portanto, mais documentarias, a valorizar um longo artigo que, em fins de outubro ultimo, entreguei ao illustre director de «A Língua Portuguesa», sr. dr. Sá Nogueira, para a homenagem que essa revista de cultura vai prestar ao mestre eminente, dr. Leite de Vasconcelos.

Pela publicidade destas linhas, a muito obrigará o antigo amigo:—**Cardoso Marian.**

(1) Está preparando uma edição integral o sr. dr. Armando Coimbra, competente professor do liceu de Aveiro.



Caetano Beirão

O sr. dr. Caetano Beirão foi um dos premiados do concurso literario do Secretariado de Propaganda Nacional. O seu livro «D. Maria», trabalho de largo folego historico, que a critica consagrou como merecia, obteve, em honrosa concorrência, o premio Alexandre Herculano. E', pois, uma imagem da actualidade, com interesse para o leitor literario.

O sr. dr. Caetano Beirão, numa rapida entrevista, que não foi além dos dez minutos taxativos desta secção, expôs-nos os motivos que o levaram a realizar o seu estudo historico. El-lo:—«D. Maria» pertence a um periodo mal estudado da nossa historia sobre o qual ainda se não tinham feito investigações de profundidade. Sobre elle corriam tantas fantasias, como erros juvenis.

—Trabalho demorado...
—Não só demorado, mas aturado, que consumiu o melhor de quatro anos de consulta de documentos, de investigações nos arquivos, de leituras, etc. Parte importante da obra são as seiscentas cartas escritas pela rainha, descobertas quasi por milagre.

—Como assim?
—Foi por uma carta do nosso embaixador em Madrid, D. Francisco de Sousa Coutinho, para o governo português, existente no arquivo do ministerio dos Negocios Estrangeiros, no qual elle relate ter-lhe dito o conde de Floridablanca que o rei de Espanha havia recebido cartas particulares da soberana portuguesa, que eu encontrei esse precioso manancial de correspondencia.

—Foi, pois, por essa correspondencia que reconstituiu o retrato moral da rainha?
—Em parte, claro! Nela se revela o seu feitio ordenado, escrupuloso, e uma alta preocupação de verdade e de equidade.

E, com um sorriso:
—Ao contrario do que se podia supor, visto que ella morreu doida!
—Como trabalha a historia? Qual o seu criterio?

—Eminentemente objectivo. Exponho documentos, vindos das fontes directas á análise dos leitores, dando-lhes inteira liberdade para tirarem as conclusões.

—Tem alguns trabalhos entre mãos?
—Estou preparando um estudo sobre as cartas da rainha D. Mariana Victoria, mulher de D. José. E' tambem um achado interessante que se me deparou nos arquivos espanhóis...

—E são muitos?
—Mais de mil, e com elementos ineditos, subsidiarios em grande parte do reinado de D. João V e de D. José.
—Qual a impressão que teve ao ser-lhe conferido o premio Alexandre Herculano?

—Constituiu para mim uma grande satisfação espiritual o voto unanime de pessoas de competencia e da categoria dos julgadores, e o facto de concorrerem obras de grande merecimento, o que fazia que nem me surpreendessem, nem me desconsolassem uma diferente decisão do júri.

A vitoria de Ruth

(Continuação da 2.ª pagina)

fogo que me queima a garganta: trago nela todas a imprecções de Israel. Depois põe-te á porta da tenda e se alguém vier no meu rasto, responderás:—Não está cá... Que bem vou dormir, sob a tua guarda! Quando despertar, seré outro homem e tu aprenderás logo a ser mais gentil e menos ironica, com o teu hospede.

Jahel.—Farei quanto me pedes e mais: afastarei do meu pomar: os passarinhos, não vão elles incomodarte com as suas orvalhadas canções.

Passados cinco minutos, Sisara resona com estrondo. A massa enorme do seu tórax de barbão parece um tronco de roble detitado por terra. A sua respiração cava e funda produz sons roucos e entrecortados de sobresaltos que traduzem o pavor animal da carne ameaçada pelo rugir de fera que vaguetta perto.

Entretanto, Jahel ajoelha e medita rogando a Deus que a não desampare, visto ter de subfugar a propria natureza para cumprir a sua dura missão. Assim que se levanta, compõe os cabelos e as roupagens, sussurrando:

—Alma que me alentas, mostra-te

rúde e forte! Não tremas, que os antepassados são por ti e Israel reza contigo. Se um soluço abalasse a tua compostura, a liberdade dum povo não teria a duração da gota de orvalho formada na folha dos cardos.

O sangue de Hobab foi afrontado em Heber, meu esposo e meu senhor, e tu não transiges com a malvadas. Decide-te pois, e ensina ás gerações como Deus escolhe os seus servos.

Pé ante-pé, Jahel, com a expressão austera e justa de quem cede a uma vocação impertosa, abre um velho cofre de couro lavrado e subtilmente tira um comprido prego e um martelo e diz:

—Piedade de mulher, torna-te cruel para seres abençoada!

Em seguida caminha para Sisara, descomposto na sua grotesca defecção, e sem uma fraqueza trespassa-lhe o cranio com o prego a poder de marteladas. Jahel, terminada a sua obra, vem á porta da tenda e, virada para o sol nascente, brada:

—Luz divina que o mundo alumas, absolve-me e purifica-me!

Repentinamente, num juracão de

lume, rompe um tropel de cavaleiros que, notando Jahel, lhe pergunta:

—Sabes, formosa cineá, onde se esconde Sisara?

—Ella contestou:

—Quem vos comanda?

Destacou-se Barac:

—Estareis tão mudado que me não reconheçais?

—Não estás mudado, mas sim varonil e soberano. Ainda tu não tinhas falado, já eu te saudava, como o mais digno e o mais perfeito dos hebreus. Todas as mulheres de Israel sabem quem tu és, mesmo sem te verem. E's a alegria das nossas lagrimas.

—Não posso demorar-me, se não satisfizes á nossa curiosidade ofegante:—Onde se refugiou Sisara?

Apela-te, penetra na minha casa e entrega-to-ei.

Não é mais veloz o tigre ou a panteira, quando, famintos, se precipitam sobre a cubigada presa. Num salto, Barac tropeçou no cadáver do inimigo:

—Que é isto? Foste tu a celeíta, a designada pela colera celeste? Inclino-me perante a mulher que cerrou a vitoria na mão de Jehovah.

—Eu, sorriu Jahel, prostro-me, perante o choque que reduziu a pó as algemas do cativo.

Neste instante, Ruth, suave aparição, deliciosa adolescência casta e morena, no fulgor pleno dos seus olhos quiméricos, insinua-se brandamente, entre Jahel e Barac. Estremeceu o guerreiro e dos seus labios manou a seguinte saudação:

—Bendito o ventre que te criou, Ruth!

Jahel acrescentou:

—Que o valor do teu animo seja o leal apoio das esperanças que em nós semeou a palavra de Deus.

Ruth, fascinada pela ousada e soberba presença do jovem capitão, aventou reaciosamente.

—Como vieste ter conosco?

—Atraído pela lembrança do teu nome e pelo anuncio que Debora me fez:

—Vencerás, mas outra vitoria mais alta alcançará de ti uma mulher.

3 de Janeiro de 1935.

JOAQUIM MANSO

GUIMARÃES & C.ª - Editores
68, Rua do Mundo, 70 - Lisboa

Apresentam

2 novos romances policiaes
O CRUCIFICADO
O REI DOS BANDIDOS

Estes sensacionais romances são da autoria de
CONAN DOYLE

o mais celebre de todos os escriptores policiaes

Cada volume de 80 paginas, formato elegante, impresso em bom papel, com capa illustrada, custa apenas

2\$50

Volúmenes publicados:

- N.º 1 - O ROUBO DO BRILHANTE AZUL
- 2 - O BANQUEIRO ASSASSINADO
- 3 - O CRIME DUM JOGADOR
- 4 - UM PREGO NO CRANIO
- 5 - A FILHA DO USURARIO
- 6 - A PRISIONEIRA DO SUBTERRANEO
- 7 - O HOMEM DA MAO DEGRAPADA
- 8 - 500.000 FRANCO ROUBADOS
- 9 - A SOCIEDADE DOS 13
- 10 - O ATLETA DESAPARECIDO
- 11 - O REI DOS BANDIDOS
- 12 - O CRUCIFICADO

A' venda em todas as livrarias

«A ROMARIA»

Pedi-me António Lopes Ribeiro que escrevesse a este número, literário do Diário de Lisboa, um breve artigo sobre prémios literários. Em princípio, poderia escrevê-lo—um artigo de generalidade. Como, porém, sucede que me foi conferido um dos prémios literários do S. P. N., tudo quanto escrevesse, por teórico e abstracto que fosse, forçosamente seria mal interpretado—ou num sentido, ou noutro, ou porventura em todos.

Prefero, pois, abster-me, sem todavia me abster, e assim substituir ao artigo, cujo tema me foi proposto, uma referência sucinta a um dos prémios do Secretariado que—dado, a meu ver, justissimamente—teve a vantagem de revelar um admirável artista. Refiro-me, como é de supor, ao padre Vasco Reis e ao seu poema adorável A Romaria.

Em seu paganismo cristianíssimo, em seu sobrenaturalismo humano, esse poema é organicamente português.

O poema é cristão no sentido particular de católico e por isso mesmo é pagão. O catolicismo—cujos meritos ou defeitos, sociais ou outros, não tenho aqui que examinar—tem a singularidade notável, provinda talvez do que nele resta de Imperio Romano, de ser, ao mesmo tempo que universal, particularizado em cada região onde existe. A Igreja de Roma é como um regime de municipalismo moral centralizado num imperio imponderável. Vasto sistema sincretico, tanto a podemos considerar uma sobrevivência do paganismo como uma transmutação dele. E em cada país onde essa religião existe, esse paganismo sobrevive, ou se transmuta, de uma maneira peculiar. Nisto se assemelha a Igreja à Ordem Maçonica, ressaltando que nesta não há elementos pagãos.

Entre os portugueses, em quem, em meu entender, a emoção supera a paixão—é isto, creio, o que radicalmente nos distingue dos varios espanhóis—o catolicismo assume naturalmente o que poderemos chamar o aspecto franciscano, que é, por assim dizer, o aspecto essencialmente emotivo do cristianismo católico.

Do paganismo latente no catolicismo não se manifesta em nós o aspecto estético, como diversamente nos italianos e nos espanhóis, nem o aspecto imperial, como diversamente nestes e nos franceses, mas o aspecto dispersivo e fluido, proprio de tudo quanto a emoção conduz. O nosso catolicismo é sem contornos—uma meiguice religiosa, preguiçosamente incerta do em que realmente crê. Por isso o nosso vero Deus Manifesto é, não o Deus uno e trino, ou qualquer das Pessoas da Trindade, mas um Cupido católico chamado o Menino Jesus. Porisso não curamos de Maria Virgem, mas só de Maria Mãe. Por isso os nossos santos autenticos são um S. João Baptista menino—isto é, de muito antes de ele ser Baptista—ou um Santo Antonio, concebido irremediavelmente como um adolescente infantil, cuja função distintiva—a de concertar bilhas—é um milagre-brinquedo. Quanto ao Diabo, nunca um português acreditou nele. A emoção não permitiria.

O padre Vasco Reis—a quem Deus fez ser franciscano para fins simbólicos—pertence portuguêsemente a este catolicismo amoroso. O seu livro, fortemente concebido e suavemente realizado, vive numa atmosfera de ternura e de luz, como numa Hêlade de bruma molhada de sol. Não conheço livro, em prosa ou verso, que interprete tão pagamente, tão cristamente, a alma religiosa de Portugal. E por trás disto tudo paira—função contra que o visível se destaca—qualquer coisa de imprecisamente emblemático, de coordenadamente incerto, com que se comove, não propriamente a emoção, mas a inteligência. Isso, porém, já não é Portugal: é talento.

FERNANDO PESSOA

SORTES GRANDES

50 a casa COSTA, LDA. as vendas
60 - Rua da Prata - 62

Transcreve-se um trecho e os dois sonetos finais do auto lirico de VASCO REIS, que teve o PREMIO ANTERO DE QUENTAL 1934 e que FERNANDO PESSOA, autor do livro «Mensagem», também premiado, aprecia e comenta

BOLCHEVISTA

Não creio em Deus... Se existe, é um Deus tirano, atroz.

CEGO

(melancolicamente)

Um Deus que sobre a Cruz morreu por todos nós...

(com tristeza)

Eu sei... eu sei como é
Que um crente perde a fé...

BOLCHEVISTA

E ao ver capitalistas arrogantes,
Impando de prazer,
A jogar, a comer,
Em bailes, chás dançantes,

E os pobres desprezados, sem sustento,
Gemendo em sofrimento,
Não sente a indignação
Ferver no coração?

CEGO

Amigo, neste mundo a Dór é companheira
Da Humanidade inteira...

Ouviste certamente, em tempos de criança,
Narrar a morte em cruz
uma ovelhinha mansa
—Jesus...

Deves lembrar-te:

em ansia, em dór incompreendida
Jesus caíra exausto. E a turba empedernida
Rogara o Cireneu...

E então o vermezinho,
Rasteiro, fraco e humilde—o fragil barro—Adão
Erguera a Cruz dum Deus...

E em Dór-prospicição,
Jesus e a Humanidade escalam o caminho
Que vai direito ao céu...

Jesus o quis; e o Cireneu foi a figura
Da humana criatura
No misterio sem par da Redenção...

BOLCHEVISTA

O pobre geme em prantos e torturas,
Pisado como a uva no lagar...
O mundo é cheio de ansias, de amarguras,
De chagas, de leprosos, de aleijões,
De cegos, de pedintes, a chorar...

A Dór!...

E Deus?

E é Deus que atira ao rico esbanjador
A mesa farta, a gloria e fama, oiro aos milhões?!

CEGO

(misteriosamente)

Engano, amigo! A Dór Deus a reparte
Com regra, proporção, divina arte...

Vê, na citara, a corda mais fininha;
Profere em voz aguda e sumidinha,
Um gemido de dór...
Tu dirás: Coitadinha!
Que dór!...

E o ultimo bordão, repara, que arrogante!
E que emproada voz tão grossa e petulante!
Que rontos de comando e presunção!...

E tu dirás: que rico «fá-bordão!»

E vai-se a ver
... Têm ambas a mesma afinação...

E ambas igualmente angustiadas,
Torcidas por igual, crucificadas,
O mesmo hão de sofrer...

Supõe agora tu que o afinador
Tentava alevantar á ultima oitava
«O fá-bordão»...

Suspirava, gemia, agonizava
E estalava,
No excesso da dór...

Ora Deus não é mau afinador...

I

—Assa em perpetuo vôo—teimosa esp'rança:
Talvez requeme o sol, o verme, a flor...
Existe em todos nós o tentador
Tormento do Desejo que não cansa.

Adoro, em pura arte, o Criador
Fecundo de harmonia, na mudança,
Que dá, ou na tormenta ou na bonança,
Um só misterio de sorriso e dór...

Das almas e da Vida a Romaria,
Que Deus ordena ás ansias da Ventura,
E' una, traduzida em varios modos,

Iluminada em grã policromia...
São varios os caminhos... porventura
O cansaço de andar, igual em todos.

II

«Bolchevista, Miguel», ingenio bando
De alegres raparigas...

um momento,
Sobre vós debruçei meu pensamento,
Em todos um só drama investigando...

Murmúrios de oração, desvaivamento
De incrédulos e de ímpios blasfemando;
Homens a uivar de dór, homens rezando,
—Em todos julguei ver um só tormento...

E a todos desejei que um Santo amigo,
Com taumaturga mão, mostrasse Deus;
E disse a Frei Antonio:

«E's português;

E's bom e humano; és santo—anda comigo!
Sê prodigo connoso, atende os teus!»
—E o Mal foi nuvem (Dór), que o sol desfez...



MOVIMENTO LITERARIO

A Livraria Editora Guimarães & C.,
prepara as seguintes edições:

A sair em janeiro: *Torel*: Norte 5853,
por Artur Inês. *Iniciação Literaria*, de
Faguet (nova edição). *Viagens na mi-
nha terra*, de Almeida Garrett (nova
edição).

Em fevereiro: *Eternidade e Terra*
Fria, de Ferreira de Castro (novas
edições). *Heróis desconhecidos*, pelo
dr. Sousa Costa. *A Criação do Pombo*,
edição profusamente ilustrada, por
Leão Mala. Lourdes, tradução de Emi-
lie Zola.

OS MISERAVEIS

Este grandioso romance, de Victor Hugo, de onde foi extraído o
filme em exhibição, encontra-se á venda nas livrarias

8 vol. brochados, 32\$00 — Encadernados em dois vol. 40\$00

PEDIDOS Á

Livraria Guimarães & C. — 68, Rua do Mundo, 70

LETRAS CONTEMPORANEAS**Um capitulo do romance "O DIREITO DE AMAR"**

de Manuel Campos Pereira

O romance, que durante um periodo recente, não teve, como é uso dizer-se, «muito partido», entre os escritores de lingua portuguesa, surge agora numa prometedora e animada fase. Depois da «geração» de Aquilino (as gerações literárias sucedem-se rapidamente...), a de Ferreira de Castro. Actualmente, aparecem novos nomes: José Regio, João Gaspar Simões, Castelo de Morais, Manuel Paço d'Arcos...

Manuel Campos Pereira pertence à ultima geração literaria—e à ultima geração «de factos». É um menos de trinta annos. Mas o talento e a quietude de um prometteu que caracterizam os escritores de raza, não se sucedem nem a palmos nem com o calendário. Depois de Cabeças Loucas, em que já se afirmava prosador cheito de recursos, o seu romance O Direito de Amar, veio chamar para ele a atenção de todos os que lêem, tal é a clareza das ideias, a limpidez do estilo e o sentimento do que seja verdadeiramente um «romance».

Erão três horas da madrugada, e Pedro escrevia ainda.

Sobre a secretária, como o pescoco de um cisne, curvava-se o candieiro electrico, espalhando pelo escriptorio, a penumbra vermelha do abat-jour. Lá fóra, na larga avenida, o silencio era perfeito, absoluto,—produzindo a sensação quasi sinistral de que tudo parara, e que só o aquecido gabinete da vida se movia. Através as cortinas transparentes, enxergavam-se, um tanto sumidas, as luzes da via publica, tam debéis como estrelas, num céu bejado de luar.

De onde em onde, uma buzina ou outra, cortavam o ar sereníssimo, enquanto a palida lua, lá barrando de pranta os telhados fronteiros.

Pedro sentia-se fatigado, mas escrevia ainda. O mais ínfimo ruido fazia-o parar, como se nele se concentrasse toda a sua ideia. Depois prosseguia, arrastado pela febre da inspiração. E era feliz, deixando correr a pena ao longo do papel, como se, com esse movimento, estivesse alcançando em toda a intensidade, o seu amor impossível.

Em frente de si, estavam as primeiras folhas, escritas pela manhã—aquelas folhas onde ela, a sorrir, demorara a infinita claridade dos seus olhos.

Um leve bullicio, levou-o a fixar distraidamente esses papéis escrevinha, caudosamente, roçando os dedos pela parede, talvez para evitar os cambaleios do corpo.

—Ah, és tu... Entra que precisamos falar.

Alvaro entrou sem uma palavra, enquanto Pedro o seguia. Deixou-se cair ao acaso numa poltrona, e só então perguntou em voz rouca:

—Tu ainda aqui... estás... horas... De pé, com as mãos engraçadamente fincadas nos bolsos, o escritor fixava-o.

—É verdade. Esperava-te... Resolvi não me deitar sem que voltasses. É a unica hora em que podemos conversar à vontade...

Alvaro pousava, no irmão, os olhos vitreos e cansados. Tinha um cotovelo apoiado no braço da poltrona, e a mão tremente sobre uma das fontes. Na meia sombra dos dedos, o seu rosto tomava o tom azul de um cadáver. O cabelo numa madeixa, tombava-lhe para a cara—escurido sob a luz penetrada pelo abat-jour.

Na alma de Pedro, passou uma nevoa de indescritivel piedade. O homem que estava de frente de si, dir-se-ia que uma sombra da morte. A seus olhos, apenas brilhava agora a feira dos dentes, que os labios brancos mal descobriam. Reparou que o peito dele arfava numa fadiga interior, uma fadiga que já lhe andava pelo sangue;—e insensivelmente, notou que tinha o coleté meio desabotoado, talvez para inspirar melhor o ar que lhe faltava.

—Isto não pode continuar assim!—exclamou finalmente.—Essa maldita cocaina, arraza-te! Lembra-te ao menos que tens uma filha, com mil demónios! É uma vergonha para todos nós!



MANUEL CAMPOS PEREIRA

entra pelas janelas de uma alcova feliz... Era loira, de um loiro claro e fino como se mãos magnánimas e prodigas, houvessem atirado um mar de ouro, refeito em ondas mil, sobre a sua cabecita pequena; e os seus olhos, enormes e cintilantes, tinham o dourado estranho, dos reflexos do sol nascente sobre o verde plácido do mar...

Quando ela caminhava pelas ruas, com ar apressado, relanceando as vitrinas, mirando tudo com um longínquo sorriso que perfumava em roda, era como um sonho ohiá-la—tam leve, tam discreta, tam infinitamente linda...

Foi num desses passelos, numa serenissima tarde de outono, que a vi pela primeira vez...

Um rodar de chave na porta da rua, fez-o erguer dum salto. Num momento, estava no corredor. Uns passos que pretendiam escusar-se ao ruido, aproximavam-se lentamente.

—Quem é—balbuciou Pedro num cicio.

—Sou eu... Alvaro...

Na meia penumbra Pedro já divisava a figura do irmão, que caminhava cautelosamente, roçando os dedos pela parede, talvez para evitar os cambaleios do corpo.

—Ah, és tu... Entra que precisamos falar.

Alvaro entrou sem uma palavra, enquanto Pedro o seguia. Deixou-se cair ao acaso numa poltrona, e só então perguntou em voz rouca:

—Tu ainda aqui... estás... horas... De pé, com as mãos engraçadamente fincadas nos bolsos, o escritor fixava-o.

—É verdade. Esperava-te... Resolvi não me deitar sem que voltasses. É a unica hora em que podemos conversar à vontade...

Alvaro pousava, no irmão, os olhos vitreos e cansados. Tinha um cotovelo apoiado no braço da poltrona, e a mão tremente sobre uma das fontes. Na meia sombra dos dedos, o seu rosto tomava o tom azul de um cadáver. O cabelo numa madeixa, tombava-lhe para a cara—escurido sob a luz penetrada pelo abat-jour.

Na alma de Pedro, passou uma nevoa de indescritivel piedade. O homem que estava de frente de si, dir-se-ia que uma sombra da morte. A seus olhos, apenas brilhava agora a feira dos dentes, que os labios brancos mal descobriam. Reparou que o peito dele arfava numa fadiga interior, uma fadiga que já lhe andava pelo sangue;—e insensivelmente, notou que tinha o coleté meio desabotoado, talvez para inspirar melhor o ar que lhe faltava.

—Isto não pode continuar assim!—exclamou finalmente.—Essa maldita cocaina, arraza-te! Lembra-te ao menos que tens uma filha, com mil demónios! É uma vergonha para todos nós!

Alvaro levantou-se a custo. Olhou

um espelho fronteiro, compôs maquinalmente o cabelo, e retrucou numa entoação magoada, que pretendia ironia:

—Era só isso que me querias dizer? Has de concordar que já estou caduco para receber reprimendas de um irmão mais novo.

Cambaleou, quasi sem forças, e tornou a sentar-se abandonadamente. Depois passou a mão pela testa e prosseguiu noutro tom:

—A vida é insuportavel, meu velho! Se não fossem estes pedaços de artificial, morreria como um cão... Ainda estou para saber onde se encontra a chamada alegria de viver...

Melo compadecido, meio apiedado, Pedro não tirava os olhos do confrangedor aspecto do irmão e quasi lhe pareceu que ele falava verdade. Contudo, como se o seu pensamento caísse fortuitamente na deliciosa figura de Margarida, bem descrevendo aquela concordância lhe virou a face. E, sem poder reprimir a intima revolta, vociferou:

—Tu não podes falar dêsse modo! Não é com filosofias de vintem, que consegues justificar a tua vida miseravel!

—O quê?

—Miseravel, sim! Pois tu queres que lhe d' outro nome? Quem possui, como tu, uma filha e uma mulher tão dignas de estima, é um verdadeiro miseravel, quando envereda pelo caminho que tu trilhas...

Alvaro ficou-o com um riso sarcástico, e contentou abafado:

—Isso de me insultares na minha propria casa, é de véras interessante... Exaltado e nervoso, Pedro deambulava de um lado para o outro:

—É na realidade interessante e louvavel, se acrescentares que o faço para manter a dignidade desta tua casa. Sabe bem que até a minha chegada, não éramos mais que dois estranhos... Porém, hoje conhecemos melhor, e eu, talvez infelizmente, considero-te como um verdadeiro irmão...! Tenho feio por ti, por todos vós, aquilo que me tem sido possivel e impossivel...

Caiu-se a olhar uma estatueta, que parecia sorrir e escarnecer das suas occultas intenções. E no entanto, ele falava sinceramente, no puro desejo de regenerar aquele desgraçado irmão. Mas a estatueta sorria, a interpellá-lo mudamente:

—E o teu amor? E o teu amor? Julgás acaso que te podes fazer acreditar a ti proprio?

Alvaro ergueu-se de novo, com o mesmo esforço que despenderia para levantar um corpo morto. Abeirou-se da secretária, tomou na mão um pequeno relógio de ambar, e observou:

—Está bem. Queres atirar-me à cara com os teus empréstimos, não é assim? Estás no teu plenissimo direito...

Sem despregar os olhos da estatueta que o enervava, Pedro tentou conciliar:

—Não se trata disso. Apenas te fiz sentir que tenho sido para ti um verdadeiro amigo... E como amigo, mais ainda do que como irmão, acho que tenho o direito e o dever de te apontar as faltas... Andas aí esquelético, quasi um morto; trazes a tua pobre familia ao abandono, quasi na miseria,—e achas que devo ri e dizer-te que navegas em rosas?

O escultor curvava-se sobre a secretária, a ler distraidamente os papéis escrevinhados por Pedro. E ia repetindo resignado:

—Está bem... está bem... Tu é que tens razão... Sou um jogador e um ganalha...

Mas Pedro não o escutava; n'ima sabia mesmo o que estava dizendo. Aquela estatueta irritava-o, como se lhe penetrasse o mais íntimo das ideias, sem modificar o sorriso combativo, quasi escarninho.

—Quem fez este boneco?—preguntou subitamente.—Foste tu?

Alvaro voltou o solhos para a estatueta, e murmurou:

—Fui. Representa o Destino...

—Pois irrita-me aquele espantoso!—disse Pedro, aproximando-se da luz.

O irmão sorriu, um tanto esquecido das impressões que ouvia:

—Já vejo que fiz uma bela obra. Na verdade, não ha ninguém que não se irrite ao encarar o Destino...

La falando a relancear e a folhear os linguagdos que se espalhavam sobre a escrevinha, como varias estradas que se cruzavam em diversos sentidos. Pedro, infantilmente sobresaltado, seguia-lhe os movimentos. E parecia-lhe que ele lhe poderia descobrir o segredo da alma.

Houve um curto silencio, apenas cortado pelo tic-tac do pequeno relógio e pelo mover das folhas.

—E' a tua nova obra?—indagou por fim.

—E'... Trata-se de um estudo psicologico, sem pretensões...

—Fez-se um novo silencio. Depois Alvaro comentou:

—Violeta é um nome bonito. Nunca conheci nenhuma...

Pedro só encontrou uma resposta:

—E' difficil arranjar um nome gracioso para uma mulher...

O irmão não replicou. Mas, tam atentamente uma passagem do manuscrito, que o escritor estremesceu. E, calmamente, levantando os olhos para ele, como a estudar-lhe o efeito das suas palavras, disse a sorrir:

—Tem graça... Por duas vezes que ja escrevendo «Margarida»...

Pedro sentiu-se esfriar totalmente, como se lhe passassem um fino de gelo pelo corpo. Tinha diante de si aquela mascara, que o espiava com a mesma fleugma da estatueta; e, na meia penumbra do abat-jour, aquele rosto livido afigurou-se-lhe uma caveira a rir lugubremente. Não pôde decifrar quantos segundos durou a sua vacillação. No cerebro, la-lhe uma desordem de loucura, um avido rebuscar de uma justificação convincente. Porém, os seus labios moveram-se, providenciais:

—E' natural... Vivi com uma dois annos... Ainda hoje lhe sinto a forçã...

E perguntava a si proprio: «Teria ele percebido, meu Deus? Quantos minutos levaria eu a responder?»

Mas Alvaro, sem-cerimoniosamente, esprezava-se:

—Vou-me á deita... São quasi cinco...

Pedro, extatico, de frente dos papéis, denunciava a um olhar prescurador a sua indomavel perturbacão. Depois, como unico assunto que lhe ocorreu, balbuciou:

—Quinta-feira são os anos da Mimi...

—E' verdade—corroborou Alvaro, que parecia abstracto, a tamborillar com os dedos no rebordo da secretária.—São os anos da Mimi...

Passeou a mão pela cabeleira e murmurou num fio:

—Pobre Mimi!

O escritor não achava uma expressão, um comentario que o fizesse sair daquela desaire condenante. Tudo se lhe varrera do cerebro, para dar lugar apenas a um nome:

«Margarida».

Por fim, perguntou inconscientemente:

—Das festa?

—Sei lá... Agora vou-me deitar, que estou deitado...

Após a saída do irmão, Pedro deixou-se cair numa cadeira, fulminado. Em todo ele passava o receio horrivel de que Alvaro houvesse suspeitado da existencia do seu amor. Levantou-se de um pulo, e foi examinar os papéis. Com effeito, logo a seus olhos se deparou uma meia palavra, riscada mas claramente legivel: «Margarida». Mais adiante, noutra folha, viu novamente: «Marg.», sem um risco que encobrisse toda a hediondez do seu crime.

Querendo raciocinar, coordenar ideias cobriu o rosto com as mãos. Mas tudo era inutil. Aquelle nome, como chama recrudescente, queimava-lhe os miolos. E, quando retirou os dedos das faces ardentes, os seus olhos caíram de novo na estatueta, que sorria—que sorria sempre...

Malinhas para senhora

Os ultimos modelos de Viena d'Austria são apresentados pela Casa das Malinhas. Nesta casa encontram-se todos os artigos de moda, chapéus e artigos baratos de qualidade superior. 110, Rua da Prata, 113 a esquina da R. de S. Nicolau.

INFORMAÇÕES FOX
TELEFONE 22.737
CASA POSTAL 113
R. CONVENTO ENCARNAÇÃO 22 a Rua

O PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

Bourbon e Menezes

responde ao nosso inquérito

—Que pensa do nosso actual momento literario? Parece-lhe que a literatura portuguesa atravessa uma fase de crise?

—Crise? Mas não ha crise nenhuma, nem sob o ponto de vista qualitativo das obras produzidas, nem sob o da compensação material que aos seus autores advenha da expansão e venda delas. Tivemos no final do século XIX uma floreação mental positivamente maravilhosa. Comparado com esse periodo riquissimo de valores excepcionais, sem duvida que o nosso presente panorama literario é inferior. Mas esse periodo foi, pela conjunção de tantas e tão eminentes personalidades, cujo valor se afirmou nas mais diversas modalidades da criação literaria e intelectual, um momento verdadeiramente singular, como se não descobri outro equivalente em toda a nossa historia e para o qual difficilmente se encontrará semelhante na dos países onde o genio literario subiu a maiores alturas... Não temos hoje um Antero, um Eça de Queiroz, um Oliveira Martins? Evidentemente! Não nos dá, porém, esta verificação a autoridade bastante para asseverarmos — ou sequer suspeltarmos — que a literatura portuguesa esteja em estado comatoso... O genio da especie não se cansa de produzir idiotas, mas quando cá a luz dois ou três homens superando a necessidade de respirar por largo tempo na multiplicação das mediocridades. Não sei, nem ninguém sabe, quando será que teremos novamente, um genio poetico como o de Antero, um artista da prosa como Eça de Queiroz ou um poligrafo de tão fortes e variados recursos como Oliveira Martins... Não julgo, entretanto, que haja motivos serios para nos desconsolarmos no tocante ao merecimento dos homens que, no instante que passa, carecem sobre si a representação das nossas colectivas aptidões literarias. Teixeira de Pascoas, que tem na grafiorreta de que padece o pior inimigo da sua obra, é, digam o que disserem os seus retractores, um poeta admiravel, de alto voo lirico, que na historia da poesia portuguesa deixará uma nota de espiritualidade originalissima. A sua *Elegia de Amor* é um milagre de lirica beleza, que se pode pôr a par do que mais belo nos deixou Camões e João de Deus... E Americo Durão? E Candido Guerreiro? E Manoel Beirão? A figura gentil e dolorosa de Florbela Esquivel, cuja cultura ainda está fresca e cuja obra se enquadra na produção literaria dos nossos dias? Aquilino Ribeiro, prosador possante dum colorido e opulencia verbal inexcusáveis, tem na sua obra paginas de antologia. O seu *Mahadinhas* honra uma epoca literaria. Camilo, se tivera lido essa novela, tê-la-ia considerado da sua igualha. Não vale menos do que a *Brasileira de Pratinas*... E pena que o romancista esteja muito abaixo do prosador...

—E' essa uma opinião curiosa e pessoal...
—Claro! Quanto a mim os romances de Aquilino são contos «soufflés». O que Aquilino Ribeiro se me figura, plenamente, é um contista, um contista de magnifica linhaagem. Ferreira de Castro, a quem a Academia das Ciências acaba de conceder, com justiça, o Premio Ricardo Malheiro de 1934, e eu sou insuspeitissimo dizendo isto porque também fui concorrente com o meu volume de contos *Almas deste Mundo*—tem, para o romance, maiores facultades construtivas. O seu ultimo livro, *Terra fria*—a despeito de certa precipitação que se nota no remate da obra, é um romance arquitetonicamente bem composto. Se a prosa de Ferreira de Castro continuar, progressivamente, a depurar-se de certas impigens que lhe trouxe do Brasil—como dantes se trazia de já a febre amarela—Ferreira de Castro hade ser, dentro de bem poucos annos, um escritor perfeito. Lastimo que ele se veja obrigado, dada a sua pretensão

de—para adquirir um livro não é coisa que se exija á humanidade trivial...
—Em seu entender, o mercado literario português não piorou e, sob o ponto de vista qualitativo, a produção livreca actual...
—Temos valores autenticos em quasi todos os generos literarios. Onde a crise qualitativa se patenteia, manifestamente, é nos dominios da Critica. Aí, sim. Na Critica é que a nossa situação se revela, efectivamente, critica... O que se faz nos jornais, sob a vaga denominação de «critica literaria», é, com excepções tão raras que causam espanto, o nivelamento pelo elogio. Todos os autores são illustres e brilhantes, todos possuem fulgurantes predicados de estilista ou notavel inspiração poetica. E' o *tutti marchetti* do pitoresco rei das Duas Sicílias. E fóra dessa pseudo-critica das gazetas... O português tem poucas disposições para a critica: sobre-lhe em contradição a impressão e o que lhe falta em discernimento e capacidade analitica. Pensa, por paradoxos e, por demais, subordinado ás reacções da simpatia ou da antipatia pessoal. E pode applicar-se-lhe a definição que Ortega y Gasset deu do burguês: «um ente incapaz de sacramentos artisticos e surdo a toda a beleza pura». O ensaio começa apenas a atrair alguns moços estudiosos que têm o gosto das letras e não se sentem com alento para a invenção literaria... Mas são, por enquanto, tentativas... Um dos nossos raros ensaístas, catedrático, por sinal, pretende varrer Guerra Junqueiro—e digo que pretende varrer porque o homem chama-se Almeida—para fóra da historia literaria portuguesa, ao concluir um estudo critico que lhe dedico com a afirmativa de que se o autor dos *Simplex* não tivesse escrito versos a literatura portuguesa não teria perdido absolutamente nada...
E o nosso entrevistado, com um sorriso ironico, disse depois duma breve pausa:

—Ha uns insectos cujo macho lo go após o acto da fecundação é morto devorado pela femela. Li isto em *Fabre*. E' pena que certos sujeitos sobrevivam á perpetração de desconpassadas asneiras. Não lhe parece que deviam falecer, visto a sua missão na terra estar cumprida?... Adiante! Em Portugal,—esta é a verdade—ha muitos despetos, muita inveja, muita maledicencia, muita relutancia em admirar: mas tambem, a par disso, três ou quatro cooperativas de elogio—muito bem montadas e funcionando com pleno rendimento. Se não fossem ellas porventura estaria aí arvorado em «mestre da lingua» um sr. Figueiredo que tem a petulancia de querer ser Antero—como costumava dizer o meu illustre e saudoso amigo Fortunato da

de viver unicamente da pena, a produzir apressadamente, como se trabalhasse de empreitada...
—Não julga conveniente que o escritor viva da sua pena?

—Julgo—o inconvenientissimo. Tenho sobre esse ponto a excentricidade de perfilhar a opinião de Mallarmé: o escritor deve viver de tudo—menos da literatura... E reato aqui o fio partidão das considerações que me iniciel este colloquio acerca da nossa literatura de hoje. Porque é que, entre nós, tanto se fala em crise literaria? Prescamos pela pretensão que o escritor português hoje tem de tirar da sua obra, tal qual os escritores dos grandes países, se não a completa independencia economica, pelo menos uma sensivel compensação material do seu esforço. Quanto ganharia Eça de Queiroz com o *Crime do padre Amaro* ou o *Primo Basilio*? Não sei, mas deve ter sido muito menos do que auferim, com os seus exitos mercantís de dois; ou três mil exemplares vendidos em trinta dias, alguns dos nossos actuaes romances de letras. Não cre' possível que Urbanho Rodrigues arrecade muito mais com as suas *Crônicas de uma sem importancia* do que o divino Eça com a sua *Ilustre Casa de Ramires*... Eu crelo. A Filho de Almeida sei que foi oforecida, em troca de um volume de duzentas paginas, por um dos mais importantes estabelecimentos editoriais de Lisboa, uma quantia que corresponderia actualmente a alguns magros centos de escudos...
«Como pode o escritor português extrair da sua obra o seu sustento, a menos que se nutra de paíno, se 65 0/0 da população portuguesa são analfabetos e dos restantes 35 0/0 a grandissima maioria se contenta com a leitura de jornais?

O escritor francês tem leitores em todos os cantos do mundo: o escritor publico dispõe tambem dum vasto publico europeu e americano. Nos termos do Brasil se os nossos livros tivessem all a dessiminação e a accessibilidade de preço indispensaveis. O escritor português, a não ser á custa dum esforço absurdo, ou explorando a emoção politica, não pode, pois, viver das letras. Do norte a sul do país não crelo que haja mil pessoas que possam para deleite proprio bibliotecas superiores a 500 volumes... Lê-se hoje muito mais do que se lia ha trinta annos? Lê-se, mas ainda se lê pouco e, sobretudo, compra-se pouca quissimo... A curiosidade mental do português medio, é de resto, limitada enfadada—o esforço de ler e, para mais, tirante três ou quatro centos de pessoas, todas as mais vivem em Portugal em regime de dieta.
«E empenhar a camisa ou o relógio—como fiz tanta vez na minha mocida-



BOURBON E MENEZES

Fonseca, outro dia falecido no Alandrolal?...

Houve outra pausa. Bourbon e Menezes fez um gesto vago. E, seguidamente, prosseguiu, para terminar:

—O momento literario português, reflectindo, como não podia deixar de ser, os movimentos contraditórios deste «tournalet» da Historia, oferecendo de tudo um pouco: desde o espiritalismo tradicionalista e catolico que Antonio Correira de Oliveira perfuma a sua roupa-branca e a sua poesia até o realismo largamente humano dos ultimos livros do autor dos *Emigrantes*. Pela parte que me diz respeito, e assim como Aquilino, que em varios dos seus livros—os melhores—se pôs a descrever os tipos rudimentares do seu recanto natal, modelando no barro da observação aquiladores e labregos, descí ao purgatorio e ao inferno da miseria lisboeta e no meu pequeno livro *A ronda da noite* trouxe para a luz, com a sua giria e a sua dór, figuras de operarios e de merezites, compoendo um friso a que Jaime Brazil chamou, se não me engano, «populista». Todas as correntes, materialistas e espiritalistas, se fazem, portanto, sentir na literatura portuguesa de hoje. E acho bem que assim seja... Já ouvi al falar em literatura dirigida... Que horror! Compreendo que se planeique a produção do trigo ou da beterraba, o fabrico dos botões de osso ou a plantação da vinha. Planeificar a produção intelectual, eis uma intenção que, apesar de utopia, não me horroriza menos do que a lepra. A invenção científica e a criação literaria artistica não desabrocham senão na liberdade espirital. Toda a historia nolo atesta... O criador de ciencia e o criador de beleza, reduzidos á servidão de qualquer poder organizado, seja ele qual for, aviltam-se. E o aviltamento é a esterilidade... Não prescrevo, já se vê, do ambito da Arte, as influências religiosas ou politicas. Reputo-as fatais, e, até certo ponto, fecundas e necessarias, quando exercidas sem coações, por uma adesão livre da consciencia. A despeito das suas episodicas manifestações de brutalidade, que, por vezes, fazem acudir ao nosso espirito certo melancolismo dito de voltaire sobre a estupidez do mundo, o mundo moderno tem uma grande sede de justiça. Ha já muita gente que, por todo esse vasto mundo sulcado de torrentes de lagrimas, sem nenhum desrespeito, aliás, pelo que de superiormente moral palpita na mensagem de Jesus, se recusa a admitir que a miseria sejam uma fatalidade sem remedio e que até o fim dos seculos haja pobres entre nós... Esse anseio que anima um largo sector da literatura contemporanea de além fronteiras, começa a estremeecer na literatura portuguesa de hoje, na da gente moça, sobretudo,—moça de vinte ou de quarenta e cinco annos, não importa!—a qual, forçada pelas circunstancias a concentrar-se e a meditar, erque os olhos conflagrados muito para além das bandeiras que passam desfraldadas entre aclamações que não-de apagar-se.

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

VIDA LITERARIA

Notas e Comentarios aos Livros da Semana

Eis uma reedição valiosa, que chega na hora propria em que tantas verdades são esquecidas—ou adulteradas—o que é um pouco pior, o romance historico.

Mario por A. da Silva Gaio.

E' uma nova edição popular, da Livraria Gulmarães, do «Mario», consagrado romance de episodios das lutas civis portuguesas—(1820-1834) publicado em 1868 pelo dr. Antonio da Silva Gaio, filho do dr. Manuel Joaquim de Almeida Silva Gaio, que tanto sofreu e se sacrificou pela causa que ha cerca de um seculo enchia o pais, e consentiu a exposição nacional contra a tirania estrangeira, e a usurpação.

E' uma obra, pois, fora da critica, e que fica até á margem do comentario.

O volume insere o conhecido «Esboço Biografico» de Tomaz Ribeiro, extrahido da segunda edição, e o comentario do «Conimbricense», de 18 de Setembro de 1800, de Joaquim Martins de Carvalho, que ainda ás responsabilidades de D. Miguel no assassinio do Marquês de Loulé, em Salvaterra.

Lá se repete a Ingenua dedicatória a Emilia Paredes, sua prima e esposa. E' dessa dedicatória de 1867 que recordamos:

«... Pensei em apontar a historia da nossa guerra civil de 1820-1834. Pareceu-me que seria útil lembrar o que a liberdade custou a muitos, que são, todavia, andam esquecidos; e por isso não tolerar a liberdade alheia.

Lá vem no apêndice os quatro famosos documentos que agora andam esquecidos, e desmorteados da sua verdadeira significação historica, politica e dinastica:

«... A pessoa de vossa magestade imperial e real guarde Deus muitos anos, como deseja e ha mister o de vossa magestade imperial e real fidelissima, subdito fiel e irmão afeiçoado e reconhecido—Infante D. Miguel» (Carta de D. Miguel para D. Pedro, datada de Viena de Austria, a 12 de Maio de 1826).

«Juro sobre estes Santos Evangelhos observar, fazer executar e manter a Carta constitucional decretada e outorgada pelo nosso rei o sr. D. Pedro IV... Infante D. Miguel» (Juramento prestado perante o Barão de Vila Seca, em Viena, em Outubro de 1826).

«Senhor:—Fui entregue do decreto datado de 3 de Julho do corrente ano, pelo qual vossa magestade imperial e real fidelissima foi servido nomear-me seu lousa tenente e regente dos reinos de Portugal, dos Algarves e suas dependencias; e, conformandome... subdito fiel—D. Miguel» (Carta a D. Pedro IV, de 19 Outubro de 1827).

«Juro fidelidade a suas magestades o rei D. Pedro IV e á rainha D. Maria II...» (Juramento 1828).

O volume, porém, é o romance, de feito historico, que se mantem, apesar das reviravoltas naturais do gosto literario, com interesse de leitura, tão vivo e sugestivo como se houvera sido escrito no nosso tempo.

A sombra da noite por Araujo Pereira.

O escritor, mestre de teatro, sr. Araujo Pereira, publicou ha pouco tempo um livro de versos «A sombra da noite» e no qual apresenta poesias, ainda ao geito metrico de ha vinte anos, os classicos e harmoniosos decasilabos, a par de poesia ao gosto novo, sintetica, quebrada, «a forma renovada» onde tanto cabem os talentos masculinos como os habilidosos da facilidade.

E' um volume de poesias que reflecte uma alma candida, e um espirito que não envelhece, e antes tenta novos ensaios na época adiantada das experiencias feitas em que tantos cristalizam.

O volume é pequeno, e não sendo propriamente um ensaio timido—porque constitue uma affirmação fulgurante dentro do genero e até na ori-

ginalidade dos confrontos—é, pode dizer-se, uma demonstração.

Araujo Pereira, se assenta na forma nova, dispensando-se do eterno verso melodioso do seculo XIX, abandonado agora já por capricho já por incapacidade sensitiva—pode dar-nos um volume completo, onde se desenvolva o seu pulcro talento, servido por uma sensibilidade delicadissima, por um sentido peregrino da poesia moderna.

Damos, como exemplo, da maneira poetica que Araujo Pereira com felicidade tentou, um trecho da sua poesia «Olhos e estrelas».

Noite branca e alegre. Noite avarada que é uma alvorada 'strelada de tantas 'strelas, tantas que, em suma, não sobra campo pra mais nenhuma

Tesinha nos tornozelos, elegante e decente, caminha muita airosa pelos ombros uma muchacha.

Cuidos leva os cabelos pelos ombros e descem á cintura fina e ligeira.

Anos arredondadas de lua cheia.

Os seios, ondas cristalizadas, vão tremendo no andar dela.

Dois pedacitos de céu limpo descidos ao semblante veem tudo que se passa ao pé ou distante.

Abril. Os véus rozentes caem dos céus e envolvem-lhe o corpo genti.

Longe num mistério roxo, pia o mocho.

O sapo desenrola a voz de trapo.

A muchacha encantada com os olhos dele, abre de espanto a boca.

Recebemos exemplares dos seguintes livros a que nos referiremos:

- A Espia Negra!, novela sensacional por João Paulo Freire (Mario).
Panfletos de discussão sobre assuntos de historia (I e II), pelo mesmo.
A Divina Comedia (tradução), pelo mesmo.
A Grande Ameaça (a guerra de amanhã), por Adolfo Coelho.
Espiritualismo, por Hugo Rocha.
Charles Gide, por Antonio Maria Godinho.
Mario, por Silva Gaio.
Portucala, revista fundada por Augusto Martins e dirigida por Claudio Basto e Pedro Vitorino.

REGISTO BIBLIOGRAFICO

Recebemos exemplares dos seguintes livros a que nos referiremos: A Espia Negra!, novela sensacional por João Paulo Freire (Mario). Panfletos de discussão sobre assuntos de historia (I e II), pelo mesmo. A Divina Comedia (tradução), pelo mesmo. A Grande Ameaça (a guerra de amanhã), por Adolfo Coelho. Espiritualismo, por Hugo Rocha. Charles Gide, por Antonio Maria Godinho. Mario, por Silva Gaio. Portucala, revista fundada por Augusto Martins e dirigida por Claudio Basto e Pedro Vitorino.

Interrompe-lhe o coaxar, assusta-o com palmas 'stridentes, e a gritar, e a rir, como grilo, ja-lo calar e sumir.

Edição do autor.

Aires de Ornelas—colectanea

São dois volumes, de admirável realização editorial da Divisão de publicações e biblioteca da Agencia Geral das Colonias. Este relevo á edição merece-o a Agencia.

« Aires de Ornelas—colectanea das suas principais obras militares e coloniais » são volumes indispensaveis nas estantes de colonialistas e apaixonados das nossas cousas ultramarinas. A sua publicação obedece ao espirito do decreto publicado em Dezembro de 1932 que visa principalmente constituir uma biblioteca colonial portugueza.

Para se avaliar da extensão panorâmica dos volumes—e a citação é por si só um preito á memoria do eminente português—, e se ver do indistincto interesse da obra, apresentamos o sumario do texto, precedido da Genealogia e le um prefacio de Eduard Lupi, que foi ajudante de campo de Aires de Ornelas.

Campanha do Cuanhama, A Governação de Mousinho, Elogio de Mousinho, Combate de Marracuene, Combate de Coolela, O caminho de ferro na Beira, Operações em Mocambique (1896 e 1897), Campanha de Gaza, a Guerra na Africa do Sul, A missão ao Niassa e á Zambézia (A historia, a terra, os habitantes, a Administração, Limites e concessões no Niassa), e a Zambézia.

As 700 paginas desta obra, que não deixam de oferecer interesse literario, estão enriquecidas por boas reproduções graficas de costumes, aspectos, acontecimentos celebres, e documentação fotografica.

Espiritualismo

por Hugo Rocha.

São trechos de prosas seleccionadas, locuções do espirito, especulações filosoficas de uma intelligencia in-

“ARQUIVO NACIONAL”

O semanario «Arquivo Nacional», da direcção illustre de Rocha Martins, entrou no seu IV ano de publicação, com um aspecto grafico muito melhorado, e saiu das officinas da Empresa Nacional de Publicidade.

Sempre firme na rota: traçada no primeiro numero, segue mantendo as suas tradições como o explica a «Carta aos leitores» que o ultimo numero insere.

Do seu sumario destacam-se os artigos: Pastos Provincianos: A Roda do Sal de Setúbal; O castello de Peniche; Singulares aspectos do Processo de Gomes Freire; Cartas inéditas do Padre Malagrida para a Marquesa de Tavora, etc. Publicará futuramente, uma secção intitulada «Biscas e Aseas», revista da semana.

BOLO REI Broas Fabrico Especial da Confeitaria Nacional BALTAZAR ROIZ CASTANHEIRO, SUC., L. DA Mais de 100 anos de bom credito e de excelente fabrico RUA DA BETESCA, 59, 61, 63, 65 e R. dos Correios, 234, 236, 238 e 240 - Telef. 2 4470 Distribuição de balões pelas crianças

J. S. RODA, L. DA R. Augusta, 86 a 96 Telef. 2 5965 O primeiro estabelecimento do país de CAMISARIA E ALFAIATARIA Com secção de Malhas, bahardina e lizimuretaço s, chancelle; artigos do viciem, luvario, noiva, etc, etc.

quieta—ainda que indecisa, devemos dizer já—auxiliada por uma cultura sufficiente—este «Espiritualismo», que o nosso presado colega da imprensa portuense, sr. Hugo Rocha, agora apresenta ao publico, sob a forma de «ensaio—conferencia», designação que nos parece confusa.

Não é uma obra tendenciosa politica, sob um aspecto literario, dissimulação agora na moda, e sempre toleravel quando é bela pela forma, ou pelo arrojado do pensamento. E' mais um livro idealista, embora queira ser pratico na contemplação das fraquezas, dos erros, ou das versatilidades dos homens.

Literariamente é muito bem feito este livrinho (trata-se de uma edição reduzida). E lê-se com prazer intelectual, com delicia mesmo, sem esforço e sem irritação quando não se pode concordar com o autor.

O escritor revelado no «Bayete» afirma o seu talento em mais uma modalidade da sua intelligencia. E' talvez prematura para a sua idade? Não tem o escritor ainda aquela solida autoridade da experiencia, e que dá prestigio ao seu «Espiritualismo»?

Não pensemos assim, que seria erro. Enunciamos a pergunta apenas para ir ao encontro do possivel pensamento de alguns criticos.

A intelligencia não tem idade; ou se a tem, tem-na mais vigorosa, mais saudavel, quanto mais moça.

E', de certo modo, a obra ou o ensaio—e aqui cabe a expressão—de um jornalista pensador e observador. Se quizerem, é uma sondagem ao problema social, uma «escuta» á palpação ansiosa do seculo que corre.

«Para onde vamos? Ao certo, ao certo, ninguém poderá dizelo. Não obstante erelo firmemente que a Providencia não votará ao ostracismo a pobre humanidade; que a Poreia e a Lei suprerás farão sentir, no tempo oportuno, o seu peso de sempre, que isto será o que tem de ser e não o que se quer que seja...»

Como veem—é vago, mas advinha-se a palpação generosa do autor.

Uma ideia se diviza claramente: a supremacia do espirito sobre a materia; «insisto: o homem precisa de escutar mais, cada vez mais, a voz do espirito». E', ao cabo, um livro que se volta para o cristianismo sob a forma de espiritualidade mística. Se bem o entendemos, o livro é quasi confessional (confidencia no Circulo Catolico de Vila do Conde).

Mas o espiritalismo de Hugo Rocha não é parado:

«Não. O espiritalismo não renuncia á acção. Bem ao contrario, não a dispensa do servico das doutrinas que advoga... E sempre que á acção se possa ir buscar uma conquista apreciavel o espiritalismo faz mais do que admiti-la: aconselha-a». (Reflexões finais).

E' a milicia, que toma a posição de uma falange aristocratica da razão e do espirito, cavaleiros, afinal. Mas—por essa indecisão que anotamos—nas primeiras paginas do Anteloquio o Autor estriba-se em palavras de Garrett: «este é um seculo democratico; tudo o que se fizer hade ser pelo povo e com o povo... ou não se faz». Comenta Hugo Rocha:

«Hoje, quasi cem anos volvidos, as palavras de Garrett conservam o frescor da hora em que foram ditas».

E faz o elogio do Povo, entendendo-o, por condicionalção, á Humanidade inteira, num sentido cristiano puro que é—dizemos nós—a desvinculação da aristocracia convencional do espirito.

Mas—repetimos—em toda a pequena obra advinha-se a tentativa para maiores vãos, uma respeitavel sinceridade, a par da duvida que transparece, e hesita, o que supomos ser entre a razão pura—livre exame—e os preconceitos da novidade—razão dirigida pelo exterior.

Em síntese: o livro é bem feito, e merece. Edição do autor.

N. DE A.

Na nossa ultima Pagina de comentarios da vida literaria escrevemos, apreciando o livro «A luz d'um Ideal» de Camara Manuel de Mello, que o seu autor era certamente uma senhora, que se dissimulava no pseudonimo Camara e nos apelidos.

Dizem-n'os agora que não. Camara Manuel de Mello será realmente um cavalheiro. Enganamo-nos.